

SUL

## EXPEDIENTE

### SUL

Revista do Círculo de Arte  
Moderna

Ano VI — Florianópolis, Maio  
— 1953 — Nº. 19

CAIXA POSTAL, 384  
Florianópolis — Santa Catarina —  
Brasil

#### Diretores:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

#### Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

#### Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,  
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,  
Humberto Paz, Hugo Mund Jr.,  
J. P. Silveira de Sousa, Luis Santos,  
Marcos de Farias, Odílio Malheiros Jr.,  
Ody Fraga, Osvaldo F. Melo (filho),  
Pedro T. Taulois.

Sul acolherá em suas páginas,  
com a maior simpatia, toda a co-  
laboração enviada, de qualquer  
parte do Brasil, especialmente dos  
jovens, se reservando porém o di-  
reito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,  
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e  
decorrem, as responsabilidades, de  
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido  
a esta revista, independentemen-  
te de crítica assinada, será regis-  
trado.

Desejamos manter contacto e  
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5.00

Assinatura Anual (4 números)  
Cr\$ 20.00 — Registrado — Cr\$ 22.00

As assinaturas podem ser pedi-  
das diretamente à direção, por va-  
le postal ou carta registrada com  
valor declarado.

NOSSA CAPA — Graciliano Ramos num desenho de  
M. de Haro

## REPRESENTANTES.

### No Brasil

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)  
Antônio da Silva Filho  
R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)  
Rogério Chatagnier  
R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)  
Ruy Brand Corrêa  
R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)  
Dr. Hamilton V. Ferreira

Salvador (Bahia)  
Vasconcelos Maia  
R. Democratas, 9

Recife (Pernambuco)  
Walmir Maranhão  
R. do Peixoto, 368

João Pessoa (Paraíba)  
Geraldo Sobral de Lima  
Rua Duque de Caxias, 413

Natal — R. G. do Norte  
Aluizio Furtado de Mendonça  
Av. Rodrigues Alves, 696

Teresina (Piauí)  
O. G. Rêgo de Carvalho  
R. Lisandro Nogueira, 1223

### No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)  
Dr. Manuel Pinto

Nampula — África O. Portuguesa  
Augusto dos Santos Abranches

Montevideo (Uruguay)  
Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)  
Blanca Terra Vieira

U. S. A.  
Richard M. Morse

## LEMBRANÇA DE GRACILIANO

**SUL**

Na madrugada de 20 de março próximo passado morria Graciliano Ramos.

Com a morte do autor de "Angústia" perde a literatura brasileira de todos os tempos uma de suas figuras mais importantes e significativas.

E muito embora a notícia não fôsse pròpriamente uma surpresa, dado o estado de saúde do escritor, nem por isso se pode dizer que tenha sido menor o choque.

Ainda abalado, tento alinhar algumas palavras sobre a maneira como o conheci. E as impressões que dele me ficaram.

Foi em começos de fevereiro de 1950 — lembro-me bem. Estávamos há dias no Rio. Já havíamos tido encontros com diversos escritores. E com a nossa curiosidade de provincianos, olhávamos avidamente para aquelas figuras que conhecíamos tão bem por intermédio dos livros, que, de uma forma ou doutra, considerávamos até amigos.

Comigo se dava — se dá — um fato curioso: escritores pelos quais nutro especial admiração, fico sem desejos de conhecer. Por um motivo muito simples. Temo que a pessoa em si mate o autor. Pois acontece, muitas vezes, que um escritor dá o melhor de si mesmo à sua obra, tornando-se, por sua vez, um ser de interesse relativo.

Por duas ou três vezes passara em frente à José Olímpio, ou mesmo entrara, no desejo de ver o Major Graça. Numa dela me indicaram: — "Olhe, lá no fundo, está o Graciliano"!

Olhei:

Sentado, pitando, lá estava êle. De mediana estatura, não magro mas sêco, jeitão de caboclo, feições rudes. Falava calmamente com não sei quem.

Estivemos para ir falar com êle. Mas aquêle meu receio voltou mais forte. Saí. O desejo porém de conhecer o escritor brasileiro moderno cuja obra mais me impressionara, persistia. Voltou mais forte. Era absurdo, me dizia, ter tido tal oportunidade e abandoná-la. E por que?

Alguns dias depois, guiados pela Nair Batista, de volta de uma visita frustrada, passamos pela Livraria José Olímpio. Duas horas mais ou menos. Calor.

Entramos. Lá no fundo, como sempre, estava mestre Graça. Encaminhamo-nos para êle. Do resto só vagamente me lembro. Apresentação, conversa, discussões. Fica-

mos ali horas, ouvindo-o falar. Era o mesmo Graciliano dos livros. Nada perdia. Ao contrário. Ganhava. Um dos raros casos por mim encontrados em que a pessoa viva ganha do autor. E não, entenda-se, por um brilho superficial ou pelo vão desejo de aparecer. Em absoluto! Não que ele fizesse força para agradar. Sem qualquer resquício de atitude, de tirada, mantinha-se sincero e franco, parecendo mesmo o mais matuto e sem pose de todos.

Além da turma da revista "SUL", da Nair Batista, estava também presente o poeta Jorge Medauar. E se não me falha a memória pouco depois chegava a Maura de Sena Pereira. Outros entravam e saíam; deles não guardo lembrança.

A conversa se espraiava. Mas só me recordo de Graciliano, do tom de sua voz, de seus gestos sóbrios, de suas frases incisivas. Também, confesso com franqueza, estava mais interessado em ouvi-lo do que em falar. Pouco disse. E que diria eu? Deixei que os demais puxassem a conversa. Falava-se de livros e autores. De repente estávamos todos metidos numa discussão, Jorge Medauar, extrovertido, se exaltava, gesticulando, enquanto Graciliano, calmamente, ia repetindo: — "mas meu caro, nunca pensei, como você é errado, aquêlê livro é uma grande porcaria, tem que ser!" E o Jorge: — "você já leu, você já leu, precisa ler, é diferente dos outros"... E voltava Graciliano com paciência: — "mas sim, já conheço os livros dele, esta história de livro que sempre desejei mas temí escrever é besteira da grossa"! Medauar sem se convencer, insitia.

De repente, em meio à conversa, Graciliano virou-se para mim, perguntou:

— E você, que faz?

Titubeei, gaguejei, a custo respondi:

— Uns... uns... pro... projetos de contos...

— Besteira — exclamou — besteira isto de uns projetos de contos. Ou faz ou não faz. Nada de projetos. Meta a cara, faça, faça e faça, trabalhe muito...

Não me lembro quem, me parece que Eglê ou Pedro, passou-lhe uma "SUL" onde estava um conto meu. Primeiro folheou tôda a revista, com paciência, com interesse, depois, num canto, se pôs a ler meu trabalho. Eu observando, tremendo. Leu um trecho, parou, voltou atrás, leu mais um pedaço, tornou a parar, fechou a revista, com uma cara que me intimidou, que não consegui decifrar. Veio de novo para o grupo, guardou a revista. Felizmen-

te ninguém perguntou nada e eu fingi que não tinha visto. Só no fim, quando nos despedíamos e eu imaginara já se ter êle esquecido, me disse que iria ler com calma e que depois, quando voltássemos ali, me falaria. Não voltamos.

Logo depois que êle se reuniu ao grupo Eglê disse:

— Graciliano, êle — apontando com um dedo para mim — gosta tanto de seus livros que ficou pensando se devia vir conhecer o autor ou não.

Enquanto sorria, sem dizer nada, Graciliano virou-se para responder a uma pergunta da Maura:

— Não, não gosto de poesia, não leio, não sei ler poesia...

— Mas meu livro...

— Muito obrigado, pode me dar, mas acredite que nada entendo disto e não vou ler.

Logo, a êste respeito, se travou uma discussão em que todos tomámos parte.

Não me é possível transportar para o papel tudo o que falámos. Vou me guiando pela memória e deixo aqui trechos esparsos do que conversávamos. Talvez a ordem mesmo da palestra não tenha sido esta. Mas em síntese e no sentido, foi.

Sei, por exemplo, que êle me perguntou o que pensava dos livros dele.

Respondi que embora gostasse de "Caetés", achava que era muito Eça. E êle:

— É uma porcaria, não vale nada, não presta.

— Mas...

— Verdade, acredite. Nem sei porque o publiquei.

Continuei:

— Gosto especialmente de "Angústia" e "Infância", embora acredite que tanto "São Bernardo" quanto "Vidas Secas" possam ser considerados superiores. Mas é, para mim, uma questão de sentimentalismo, em especial quanto ao primeiro dêstes livros citados, que me abriu o caminho para a sua literatura.

Antes que Graciliano respondesse fomos interrompidos por alguém que perguntou se êle estava trabalhando em qualquer outro livro de ficção. Respondeu negativamente. Se alguma coisa pudesse realizar no gênero, já estava feita. Está terminado. Trabalha atualmente em "Memórias da Cadeia", reminiscência de seu período de prisão. "Passo horas — acrescentou — tentando ver se me lembro de uma frase, de uma palavra, pois quero ser

o mais exato possível". Não fazer nada de ficção, o mínimo possível de imaginação e o máximo de realidade. Um documento.

Esta preocupação do exato martirizava-o. Já estava no quarto e último volume, mas sempre voltava atrás, passava noites procurando se lembrar de uma passagem, tentando reconstituí-la. Falou-nos de seu método de trabalho, minucioso, paciente.

Não se zangava por ficarmos ali a sabatiná-lo.

E enquanto ali estávamos eu tentava recordar o que a respeito dele lera.

Sua vida, os trabalhos, as privações, a descoberta para a literatura através de um relatório que se tornara famoso, a prisão, os livros...

Tenho agora diante dos olhos a figura do escritor, muito calmo, mãos cruzadas, rosto chupado, no seu caixão. A fotografia mostra-o magro, sofredor, estoico. Mas não é assim que o recordo. Lembro-me dele como o vi saindo da Livraria José Olímpio, naquele fim de tarde. A imagem antiga vem e borra, dilui, a nova, substituindo-a. Revejo-o saindo, semi-curvado, cabeleira rala, depois de nos ter dado um forte apêto de mão. E numa brusca transição vejo-o entrando, em Porto Alegre, durante o IV Congresso de Escritores promovido pela ABDE. Foi no Teatro S. Pedro. Aclamado pelo público, presidira a sessão inaugural.

Depois, nas reuniões, durante aquela semana, lá estava êle, auxiliando e apoiando com sua presença.

Logo no primeiro encontro desfechei-lhe uma pergunta que levava engatilhada. Tratava-se do seguinte: quase toda a base da publicidade do livro de Gasparino Damata estava sendo realizada por conta de uns elogios feitos à obra lida, no original, por Graciliano Ramos. Em vista disto, não tive dúvidas. Comprei o romance. Ainda não o terminara de ler, mas, embora achasse algumas possibilidades, tratando-se de uma estréia, o livro me desagradara, me parecera forçado. Graciliano não teve dúvidas, foi logo me explicando: "sim, na verdade depois que lera a obra dissera que se o autor a guardasse durante algum tempo e mais tarde a traduzisse, daria um bom livro..."

Os dias decorreram num turbilhão. Reuniões e mais reuniões. Pouco tempo se tinha para conserva mais calma. Apenas, como sentávamos perto dele, pude observá-lo demoradamente. Mantinha-se o mesmo. Um tanto mais ena-

gro, um tanto mais sêco, um tanto menos amargo, sem pre ríspido, mas de uma rispidez que escondia uma grande simpatia por todos. Trocávamos breves palavras. Recordo-me que numa dessas rápidas palestras falou-nos de sua passagem por Florianópolis — viajara por terra — tendo chegado aqui quase ao anoitecer e saíra na manhã seguinte. À noite desceu, mais a filha Clarita, mais o Miécio Tati, andou pelo jardim, pela Felipe Schimdt, entrou num café, sentou-se, ficou observando a gente que passava e se notando observado... depois viu que não era êle. Mas a filha que estava de "slack". Riu do fato. E não o encontramos... Falou-nos especialmente da impressão que lhe causara Joinville, uma cidade limpa, agradável. Como iria voltar por cima, por Lajes, embora insistíssemos disse ser impossível mudar o rumo e passar por Florianópolis. Queríamos que fizesse uma palestra. Negou-se. Disse que "não era dessas ciosas". Depois prometeu, sim, mais tarde, noutra oportunidade, viria.

Dessa semana de convívio recordo especialmente a sessão de encerramento. E nada melhor do que transcrever aqui estas palavras das por êle pronunciadas naque la ocasião:

"Necessitamos novas reuniões. Falar, discutir, brigar às vezes. Ótimo. Sairemos desta luta fortalecidos. Lá fora defenderemos os nossos interesses e a cultura exígua de que somos capazes. Surgirão descontentamentos, é claro: sempre haverá quem diga de nós cobras e lagartos. Que fazer? Estamos habituados, estas ofensas não nos perturbarão. Adeus amigos..."

Era, na verdade, para nós, um "adeus". Não mais com êle tivemos contacto. Pouco depois soubemos que viajara, para a U. R. S. S., que voltara, que fora à Argentina, que retornara desenganado sem nada ter conseguido, incurável, com meses de vida.

E pouco depois de haver completado 60 anos, quando lhe foi prestada uma das maiores e mais tocantes manifestações de que se tem memória, morria. Mas dele ficará, para sempre, ao lado de uma obra que já se tornou clássica, o exemplo de uma vida, tão importante quanto a obra.

Deixa inéditos "Impressões de Viagem" (inacabado), os dois primeiros atos de uma peça teatral (conforme declarou à imprensa Paschoal Carlos Magno), e "Memórias da Cadeia", em 4 volumes, além de uma antologia de

contos de autores brasileiros, trabalho a que se dedica  
ra carinhosamente.

Esperemos que bem logo tenhamos impressos todos  
êstes livros que virão completar um dois mais podero-  
sos documentos literários de nossa época.

Graciliano, homem e autor, é a nosso ver, um exem-  
plo que deve ser seguido pelos que se iniciam nas letras.  
É dele, acreditamos, quase nada há a recusar. Soube, com  
precisão, documentar uma época, traçar, amargamente  
porém não menos sinceramente, o retrato de um deter-  
minado período, de um determinado estágio da socieda-  
de brasileira. Deixou uma impressionante galeria de ti-  
pos, personagens verídicos, torturados, abandonados. E  
escreveu algumas das melhores páginas da literatura  
brasileira, como, por exemplo, em "Baleia" em "Soldado  
amarelo", de "Vidas Secas" ou ainda de "Infância", "An-  
gústia" e "São Bernardo". Em qualquer de seus livros  
se encontra, porém, acima de tudo, fidelidade artística,  
fidelidade artística e humana. Nunca falseou, nunca dou-  
rou a pílula, nunca tergiversou. Soube sempre, qualquer  
que fôsse a ocasião, dizer as coisas de frente, com fran-  
queza. Por isto não acreditamos seja sua literatura ape-  
nas pessimista como querem alguns. É ela especialmen-  
te revolucionária. Pelo conteúdo, pela maneira de enca-  
rar os problemas, pelo desejo de melhoria. Sóbria, pre-  
cisa, exata.

Por tudo isto, de Graciliano, de Graciliano pessoa e  
de Graciliano artista, nos ficará a lembrança de um ho-  
mem. Um homem interessado, um homem preocupado  
com os problemas de uma época, um homem não desli-  
gado, não torre de marfim, mas atuante. Sem que, por  
isso, fôsse prejudicada a obra literária. Ao contrário.

Dêste contacto só tinha ela a ganhar. E ganhou. E  
mais ganharia se mais vivesse êle.

Quando muitas pseudo obras já tiverem sumido no  
tempo, não duvidamos, mais valorizada estará a de Mestre  
Graça.

S. M.

## POESIA E POUCO MAIS

O encontro com um novo poeta é sempre uma espécie de assombro, de espanto e receio. Pega-se no seu livro, olha-se a medo para dentro das folhas, lê-se um verso aqui e outro além, e a indecisão continua patente em cada um de nós. Não é apenas a incerteza de nos chegar mais um poeta sem interesse, sem voz sequer no canto, sem personalidade e vigor. Mesmo com aqueles já conhecidos de revistas ou jornais essa sensação estranha, esquisita, desperta, batendo no peito, nos pensamentos, cá dentro. E, sim, pelo simples facto de se estar em frente de quem chega pela primeira vez para a poesia atirada ao coletivo, ao espectador; que vem mostrar-se, ter a coragem de contar para os outros. Ainda que seja só o início da jornada e a descoberta do seu próprio mundo. Dum mundo que sempre se nega em aceitar esta permanente batalha, esta conquista sem fim definitivo, que é toda a luta entre o irreal e a realidade, entre o sonho e a sua superação. Luta em que se afirma quanto o mundo em causa, este nosso tão destruído e querido mundo, continua jovem, vivo e humano! Pouco importa que chegue tarde esse encontro, que chega já velho de anos como este "Idade 21" de Walmor Cardoso da Silva (Cadernos Sul — I, Florianópolis, 1949). Que a sua hora se encontre ultrapassada, o poeta tenha seguido ou não diferentes caminhos, escolhidos entre aqueles que se abriram depois. Não deixa de ser novidade por isso — ou uma coisa que é novidade num lado não poderá ser velha noutra lugar? A sensação é sempre intensa, de igual espanto e receio. E de confiança, de fé, entre as alegrias (raras) e os desesperos (constantes) que continuamente se vestem à imagem e semelhança do pequeno espaço em que estivermos, lutando ou vencidos.

Manja que o poeta o saiba "ver" de modo diferente, sim com outras palavras para maior intensidade. Egocentrista, trazendo para os seus poemas a experiência do meio-ambiente que sobre ele pesa, Walmor Cardoso da Silva não foge a este dístico que registra: "As alegrias e tristezas de mistura. Sou qualquer coisa pobre". Qualquer coisa pobre por não possuir a marca de fogo da vida ferindo em intensidade, a grande cicatriz da vida, e pela qual se combate e arremessa todos os dias. Para ele, nada mais há do que resignação, o aceitar sem protesto nem revolta. Parece que nos seus olhos ainda existe o travo desconcertante da adolescência, daquela sua "Idade sem motivo. Recente. E descolorida". Toda a pequena obra faz induzir nisso. A levá-lo a sentir-se fóra de tudo e de todos, olhando-se incrédulo e irresoluto entre o ficar com o que julgava ter ou seguir com o que se lhe depara: "Estou sempre longe de mim / E dos outros / Não tenho a quietude necessária / Para pensar o que eu desejo". Por mais promessas que faça, por mais que jure. "E me esquecerel de mim mesmo.", a verdade é que continua votado unicamente para si mesmo, a essa indecisão, a esse espanto de se ver no abandono de "Pensamentos nas mãos." No fundo da problemática da sua poesia, o que estava patente era o vazio de naturalmente ser vulgar como os outros, sentindo esse vazio — que não aceitava nem desfazia ao passado não possuía ainda o encanto das coisas maravilhosas que não mais poderia reviver, tão próximo ele se encontrava; e no futuro não se lhe abria ainda qualquer porta de fuga. Ficara-se com o que sentia regeitado, era a única pausa para poesia que lhe restava, dado que o combate para a sua interferência humana se não propusera, mesmo depois daquela estampa que intitulou "História". Essa que Blanca Terra Viera incluiu no poema "Edad 21", depois de traduzida em língua espanhola.

Basta! Quem afirma aí estar-se a diminuir o poeta, só por ele ser lírico, e o mundo da sua experiência ter a idade de 21 anos? Certamente é velha e revela a corrente do lirismo, até mesmo fóra da poesia, quanto mais neste gênero de expressão! É um meio como qualquer outro de se comunicar. Prendendo entre o sonho e a realidade, como ligação objectiva no cotidiano de limites individuais, existiu, existe e existirá. Não é esse o problema em questão, essa a raiz a resolver

Muito menos, então, o de se pretender que o poeta (o poeta ou qualquer outro artista) trilhe este e aquele caminho, por mais grato que nos fosse o ele seguir o caminho de nosso mais agrado. Sequer o de lhe diminuir as qualidades de estilo, da sua técnica de expressão ainda por dominar completamente, das suas sensações translativas, dos seus inconscientes — ou não? — impulsos sinópticos que, por vezes, é uma característica da poesia brasileira. E, sim, o de não se pretender declarar: "Vejam, o poeta está aqui!" sem procurar enquadrá-lo primeiro no seu próprio ambiente, de se conhecer toda a fenomenologia da sua gestação poética. Sem hermetismos, declare-se, por mais que isso pese a Salim Miguel. Pura, isso o é, se com esta palavra se pretender o de: transparente, inocência, candidez — entre outros termos. Mas não o de genuinidade, no sentido de legítimo e próprio (sem aquilo que se convencionou chamar de influência o que se deveria designar por herança sócio-cultural), embora não seja favor aplicar-se a palavra verdadeiro, e essas outras que são franco e sincero. Sincero e franco, verdadeiro, pois. Mesmo que haja quem esteja pondo abaixo de água a sinceridade, seja ela de que espécie for. Daí o seu primarismo e o agrado que tal ajustamento provoca. Um agrado que perdura, que continua até depois de o sentirmos chorar, romântico longe do seu tempo. Ou será neste caso o choro um sintoma de protesto: "Abertos ao mundo / Os meus olhos choram"?

Mas volte-se um pouco atrás, e encare-se de vez o que se pode e deve entender por poesia pura. Talvez fosse conveniente, dentro dos possíveis limites, pegar nesse problema, numa contribuição para que seja convenientemente resolvido. Tanto mais que toda a poesia de afinidade confessional e lírico-individualista (egocêntrica, como outros a designam) se encontra canalizada para essa classificação, deixado de lado a poesia épica e lírico-intervencionista, para se não ir mais longe. Por vezes, leva-se mais fundo ainda essa separação considerando somente a poesia lírico-individual com predicado personalizante. Toda a outra se aceita, unicamente se aceita como valor intelectual, como um simples jogo de inteligência e valor técnico. Em reação a esta atitude, já Casais Monteiro em 1930 bradava para que se fosse "mais além desse novo formalismo, dessa nova concepção Anti-poética!" É que toda a criação poética, como toda a criação em arte, se realiza num jogo de inteligência e sensibilidade dentro dos seus moldes de consciencialização, e domínio desse jogo. Um Fernando Pessoa-lírico, o dos seus surpreendentes poemas líricos, não era menos lúcido que o da "Mensagem". O pleno domínio técnico do tema, da problemática e do estilo, para os quais buscava sempre a expressão correspondente, dava um conjunto de harmonia intensa e perfeita, naturalmente seu, mas cujas raízes vinham desde D. Diniz a Walt Whitman. Dentro das proporções de valores inerentes entre um e outro, Walmor Cardoso da Silva dá-se igualmente sujeito ao que atrás de si mesmo revela a perpetuidade que o vinculou. O processo usado, a possível espontaneidade, tem para o caso mera importância secundária. Que importa que pense directamente para o papel. — no papel, será mais claro — ou que pense e trabalhe no pensamento os seus poemas?

Mas isso seria, possivelmente, deixar de lado "Idade21" para seguir fios da designação com o que pretenderam classificar. Seria tomar, não a nuvem por Juno, mas sim deixar a deusa para seguir a nuvem. Ora, na verdade, há que se festejar mais um poeta, mais um encontro com a poesia. Distante. Distante no espaço e no tempo, mas presente e viva onde se der, sem que nos seja possível abandonar o livro e o poeta na primeira bifurcação de caminhos. E mesmo que tal aconteça, fica-se esperando um novo encontro intenso e profundo, como o que se sente poder nos dar.

AUGUSTO DOS SANTOS ABRANCHES

Nampula

## LITERATURA E FOLCLORE

Notas à margem, do Volume VI da História da Literatura Brasileira.

(Literatura Oral de Luiz da Câmara Cascudo)

### O problema

O curioso dos estudos de literatura brasileira que leu a relação publicada pela Editora José Olympio, discriminando os volumes que comporiam a sua grande história da literatura do Brasil teve, entre outras pequenas surpresas, a causada pela inclusão de um volume a versar, exclusivamente, sobre literatura oral, que ficaria entregue à cultura especializada de um dos nomes mais conhecidos entre os que trataram de nossos problemas de folclore. E a surpresa tinha razão de ser. Primeiramente, porque o leitor não está acostumado a considerar de grande importância a contribuição popular ao conjunto literário de uma nação; em segundo, porque Luiz da Câmara Cascudo não é conhecido como crítico literário, no sentido comum a que nos acostumamos considerar um "crítico literário".

E como folclore "está na moda", conforme sugeriu alguém, com acertado humorismo, houve expectativa para o seguinte: Que haverá com literatura e folclore? Existem realmente, pontos de contato? Havia esperanças e dúvidas de que o ilustre folclorista resolvêsse tão difíceis problemas de crítica. Matéria havia para longos ensaios e como os conceitos de folclore, literatura, arte, são aparentemente confusos e sujeitos às variações do tempo, qualquer coisa que viesse teria certo sabor de novidade. E o livro apareceu sem desapontar os que esperavam novidades.

Não sei se alguém já fez uma crítica séria sobre o livro. Pelo menos, ainda não li nenhuma. De qualquer maneira, penso que assim como o A. não conseguiu resolver todo o intrincado problema de situar a literatura oral dentro da nossa história literária, não acredito que serão os críticos de seu livro que possam resolvê-lo com facilidade. Daí a razão de, nem sendo um crítico, atrever-me a um ligeiro comentário sobre a obra há poucos meses publicada. Escrevendo apenas como um curioso dos problemas atinentes aos estudos de folclore e de literatura, fico mais à vontade. Sei que não posso resolver nada, como sei que o assunto pela sua complexão, não será delimitado satisfatoriamente tão cedo. Valham então, as minhas notas, como intensão honesta de clamar pela necessidade da crítica séria para obras de tal importância.

### O livro

A obra poderá ser dividida, funcionalmente, em duas partes distintas. A primeira, em que o A. esforçando-se para tomar um rumo que lhe permitisse defender o ponto de vista adotado, de que "folclore é o estudo da mentalidade popular e a literatura oral a sua expressão", parece perder-se em meio ao emaranhado de opiniões e à complexidade dos fenômenos nem sempre passíveis de limitação. Dê-se esforço, surgem páginas notáveis sobre as sobrevivências culturais do africano no Brasil e outras oriundas de grupos brancos e indígenas. A segunda, quando, livre dos problemas de delimitação, liberto dos obstáculos teóricos, o A. deixa de lado os cantos, as coreografias, as digressões, e entra na parte prática do livro, versando sobre o que parece mais fácil de ser aceito como "literatura oral": as lendas, os contos, as adivinhas, as anedotas, e todo o conjunto de fórmulas não escritas que, segundo Artur Ramos, é a história do inconsciente coletivo das massas.

Uma coisa importante chama a atenção do leitor que se interessa pelos problemas de pesquisa demológica. É o aproveitamento de informações nem sempre vindas de fontes suficientemente autorizadas. Nas diversas citações de determinados fenômenos, que seriam frequentes em diferentes Estados do Brasil, o A. nem

sempre aproveitou, para as informações, as fontes mais abalizadas. Sabemos todos que, em se tratando de qualquer estudo científico, há o perigo das informações falsas, que levam o observador distante a conclusões perigosas. Acredito que isto haja acontecido com este livro, como aconteceu com um outro do mesmo Autor: Geografia dos Mitos Brasileiros. Nesta obra, o ilustre escritor nordestino solicitou dos Estados onde não pôde fazer pessoalmente suas pesquisas, os dados de que necessitava. Mas nem sempre se dirigiu a pessoas capacitadas para atender-lhe e, às vezes, bastou-lhe a leitura de velhos arquivos. Baseio-me no trecho em que se refere a Santa Catarina. Não há uma verdade sobre a nossa mitologia. Pelo menos sobre a mitologia que conhecemos com os dados apurados pelo Departamento Estadual de Estatística e pela Comissão Catarinense de Folclore, por Intermédio da rede de professores primários, autoridades municipais e distritais, pois, para espanto nosso, o único mito a que faz referência é o "boi-tatá" que seria o "mais prestigioso e mais falado", atribuindo isso à influência indígena (SIC). Ora, se há influência a ser relegada para plano de importância muito inferior é a que poderia vir dos índios. Tradições que se perpetuaram, apenas as portuguesas e, em leves traços de sobrevivência, as africanas e alemãs. Nem italianas as temos, que estas perdem-se ao contato com a cultura de outros grupos étnicos. E da mesma maneira como na Geografia dos Mitos Brasileiros não encontramos alusões ao Bicho Papão, ao Bode-sem-cabeça, ao Lobisomem, ao Minhocão, no livro que comentamos, Literatura Oral, o que há de Santa Catarina é apenas meia dúzia de adivinhas colecionadas por Lucas Boiteux, um descrição muito incompleta e muito falsa de um Boi de Mamão publicada num jornal do Rio de Janeiro e uma alusão ao Pau de Fita que o A. diz tratar-se de "um elemento tipicamente germânico", como contribuição aos autos populares do Sul (SIC).

Não sabemos até que ponto val a insuficiência das informações referentes a outros Estados. O que parece certo é que este será um dos pontos em que o crítico honesto mais poderá demorar-se.

Um outro aspecto que exige consideração é a leveza do estilo em que foi escrito o livro, coisa difícil de conseguir em se tratando de obra de crítica a documentos de toda espécie. Mesmo nos estudos comparativos, o A. evita o uso excessivo de terminologia técnica, e torna certos problemas de linguística, limitando-se a expor e comentar, dentro de um único objetivo, as diversas variantes encontradas.

Em conclusão, a agradável e útil leitura desse livro corajoso, porque pioneiro, nos leva a diversas cogitações. Chama-nos a atenção para diversos problemas que geralmente nos passam despercebidos, quando cogitamos da inspiração literária. Não creio que os teóricos concordem com os rúmos que o A. deu a seus estudos, como não acredito que a crítica literária tradicional consiga tolerar "Literatura Oral" dentro de uma coleção de história literária. Do que não tenho dúvida, porém, é que nenhum entendido em folclore negará o valor desse livro, que se torna indispensável ao estudo científico que se vem fazendo para o conhecimento das nossas expressões populares.

Oswaldo F. de Melo (filho)

## A ARTE DE MONDRIAN

Entre as obras abstracionistas, as que mais chamam a atenção do amador de arte são as de Mondrian, pela impressão de completa ausência de qualquer elemento inteligível. Limitam-se as retas verticais e horizontais ou a retângulos nas mesmas disposições, pintados em negro, branco e cinza. O fato curioso para quem se depara, pela primeira vez, com as obras de Mondrian, é que sente prazer em sua contemplação, ainda que não posso admitir que elas sejam Arte. O comentário natural de quem, sem preparação especial, vê "Victory Boogie Woogie" ou "Broadway Boogie Woogie" é admitir que tal estrutura é admirável em "congoleum" ou "ladrilho", jamais em obra de arte. Significa isto, talvez, que o abstracionismo de Mondrian é essencialmente decorativo, mas se atentarmos para o significado da aceitação dessas formas em nossos objetos de uso diário, veremos que, mesmo sob esse aspecto, a obra de Mondrian exige a máxima atenção, pois que permanece o problema da vitória das formas inventadas por Mondrian sobre as que ele considera impuras.

O "neoplasticismo" de Mondrian não é o mero acaso de linhas e retângulos. O mestre holandês é autor de obras que encontram suas raízes no pensamento da elite intelectual de nosso tempo.

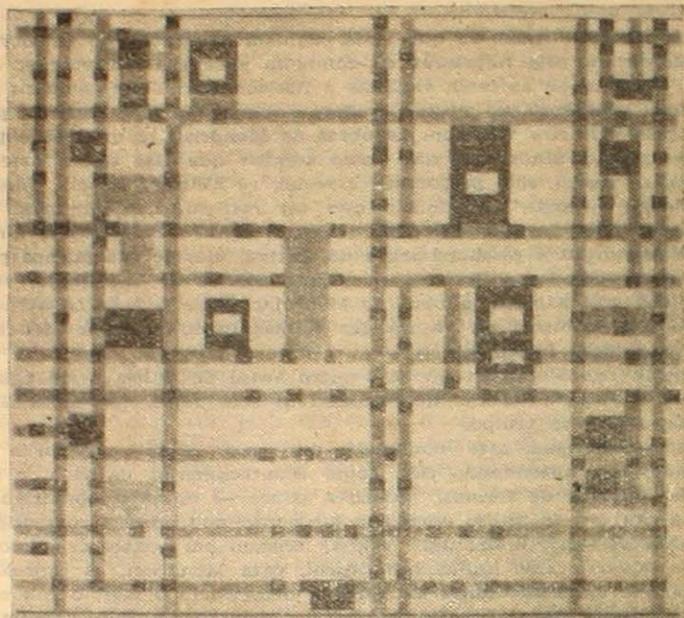
Piet Mondrian criou sua arte dominado por uma filosofia, a idéia da verdadeira realidade, não entendendo esta como acontecimentos da vida, e sim como manifestação plástica de formas. "Pouco a pouco — escreveu Mondrian — eliminei de minha pintura as linhas curvas, a tal ponto que minhas composições se reduzem a linhas verticais horizontais, que se cruzam em pontos separados e afastados uns dos outros". Tais linhas constituem, para Mondrian, as expressões das forças apostas que dominam todas as cousas: "observando o mar, o céu e as estrélas, tive a idéa de notar sua função plástica por meio de múltiplos crescimentos verticais e horizontais. Impressionado pela amplitude da natureza, esforçava-me por exprimir sua expansão, sua paz, sua unidade. Ao mesmo tempo convenci-me plenamente de que a expansão visível da natureza constitui simultaneamente sua limitação. As linhas verticais e horizontais são a expressão de duas forças contrárias que há em todo o lugar e dominam todas as cousas. Sua ação recíproca constitui a vida".

As palavras de Mondrian indicam que a disposição aparentemente arbitrária das linhas que pinta obedece a uma idéa que domina o artista.

Mondrian alcançou o abstracionismo através do cubismo, então em voga quando chegou a Paris em 1910. Sua evolução não acompanhou a orientação geral da escola a que se fillava. Seguindo a tendência da corrente que Apollinaire chamou de "cubismo científico", que pintava conjuntos novos abandonando a realidade de visão e fundamentando-se na realidade de conhecimento, Mondrian procurou atingir as últimas consequências das inovações trazidas à arte pelo cubismo.

As obras de Mondrian adquirem significação para quem não está afeito à abstração, após a consideração das idéas do seu autor. Tornamo-nos capazes de ver, em "Broadway Boogie Woogie", a sucessão rítmica de retângulos de dimensões diferentes, dispostos segundo as linhas verticais e horizontais que constituem o esquema das suas obras. Não obstante a limitação de recursos que a si mesmo impôs por suas idéas, o ritmo é variado em ambas as direções da estrutura. Os espaços, contidos entre as cadelas de retângulos, estendem a composição, como se esta prosseguisse fora do quadro, ao mesmo tempo que permanecem limitados. Vê-se aí o "Equilíbrio dinâmico" visado por Mondrian, que o define como unificação de formas ou elementos de formas através de oposições contínuas, tais como limitações e extensão, ficando o "balanceamento estático" destruído pelo "equilíbrio dinâmico".

Mondrian vê e sente a vida através da plástica. Será a nova plástica que remodelará o homem, aproximando-o do absoluto; matará a pintura, mas fará o



Broadway Boogie Woogie -- de Piet Mondrian (segundo reprodução de J. Fernandes)

homem melhor; a aurora do domínio desta arte pura está no caráter abstrato-real da vida moderna em seu conjunto.

A pintura servia a Mondrian como instrumento para pensar, escreve Romero Brest, que adverte serem tais pensamentos idéias de artista, que ferem a lógica talvez, mas podem ter rigor apesar disso.

Quando se adquire contato com os propósitos de Mondrian, sua pintura ganha nitidez. Persiste, porém, o problema da legitimidade de semelhante arte.

Lendo-se o que Mondrian escreveu, compreendem-se seus desígnios; contudo, a preocupação de se encontrar, na pintura, a representação do mundo sensível, faz com que se hesite em aceitar sua arte. Mondrian afirma que a arte não figurativa vem da intuição pura, e para ele a procura da "verdadeira realidade", do "equilíbrio-dinâmico", do "ritmo de relações mutuas" e de outros elementos que descobre na composição substituem a forma particular.

Herbert Read reconhece que a arte abstracionista é justificável teoricamente, mas é cético quanto à sua capacidade de comunicação. É este, talvez, o problema, pois que se por um lado somos capazes de reconhecer a forma plástica das obras de Mondrian, por outro a ausência de formas particulares, identificáveis na natureza, não nos deixa sentir a emoção estética que foi o objetivo do artista. A análise fria que se faz da tela de Mondrian difere enormemente do entusiasmo com que contemplamos as obras primas do Renascimento.

Os artistas e os críticos, na apreciação das obras de arte, obedecem a critérios que não estão ao alcance do amador. Para nós, são as razões deste último que interessam. Ducasse chama-o consumidor de arte, dando este nome ao homem comum que se não considera pessoa competente em matéria artística e que forma o maior contingente dos aficionados nos concertos, na literatura, na pintura e no teatro.

A falta de educação em matéria de arte faz com que a reação do consumidor, diante da criação artística, seja orientada, principalmente, por seu próprio gosto. Distinguem-se entre os consumidores dois tipos principais. É comum encontrar-se quem estabeleça a premissa de que arte é aquilo que ele gosta, assumindo posição de combate a todas as formas que se afastem das suas predileções. Há, também, outro tipo de amador que compreende estar o seu gosto individual ligado ao do grupo social de que faz parte, e que por isso não pode exigir que indivíduos de outros grupos dele participem. As palavras de Roger Bastide, de que "cada geração, cada meio social tem uma nítida consciência coletiva que pesa sobre os indivíduos", conduzem-no a tentar sair do seu próprio círculo e compreender o que se passa nos demais. É evidente que o consumidor, em tais tentativas, abandona a atitude estética que mantém perante as obras que satisfazem ao seu gosto, adotando a atitude puramente intelectual em relação às demais. Com essas palavras não queremos reconhecer que a apreciação estética dependa exclusivamente da espécie de indulgência emocional que Ducasse expõe na sua teoria contemplativa, e sim que a apreciação intelectual do amador exclui, inicialmente, a emoção.

Bouthoul, citado por Roger Bastide, diz que o gênio propõe uma hipótese a um certo público; somente depois da adesão de certo número de pessoas a essa hipótese, será ela inscrita nos valores estéticos. É dessa consideração que se pode obter testemunhos para o conhecimento de certos grupos, como Etienne Souriau indica em relação às obras da antiguidade clássica, da alta Idade Média e do Renascimento.

As obras de Mondrian são das mais importantes quando se procura conhecer porque o abstracionismo é arte. A uniformidade de estrutura (Mondrian rompeu com seu amigo Van Doesburg porque este pintou as mesmas estruturas dando-lhes o ângulo de 45º) e a parcimônia de cores dão realce ao seu objetivo puramente abstracionistas. Em obras de outros artistas, a riqueza de linha, volume e cores pode conduzir-nos a limitar a esses elementos a apreciação artística, mas em Mondrian encontramos tão somente a versão plástica de uma idéia.

Mondrian teve discípulos. A revista *De Stijl* foi o veículo de suas idéias. Em 1951 a revista *Art d'aujourd'hui*, tratando dos modernos pintores americanos, reproduz telas de Leon Polk Smith, Pereira, Fritz Glarner e outros, em que se reconhecem as influências de Mondrian.

A aceitação das idéias de Mondrian, por tão largo círculo de artistas, demonstra que ele foi um gênio que trouxe novas formas à arte.

Os desígnios de Mondrian, representando a verdadeira realidade, são bastante comuns na arte. Um dos casos mais típicos foi Leonardo Da Vinci. Em seu "Tratado de Pintura", Da Vinci estabelece que o pintor deve imitar a natureza: "Quanto há no Universo por essência, por presença ou por imaginação deve, com efeito, estar presente no espírito do pintor e em seguida em suas mãos, para que realize uma relação harmônica quando abarca, com simples olhar, os objetos". Essas cousas naturais eram para ele as verdadeiras semelhanças do real.

Leonardo não se cansa em chamar a atenção do pintor para a realidade que é a natureza. Focalizemos uma das suas obras para ajuizarmos como o mestre renascentista executava suas idéias.

Uma das obras primas de Leonardo Da Vinci, *Leda*, de que, aliás, somente se conhecem cópias, permite que seja admirada pela perfeição das figuras representadas, mas exige, de quem não é versado em mitologia, o conhecimento da lenda que representa.

*Leda*, mãe dos gêmeos Castor e Polux, Helena e Clitemnestre, foi amante de Júpiter, que tomou a forma de um cisne para assim lhe agradar.

Uma vez identificada a história representada pelo artista, e sentido o prazer que a harmonia das cores e das massas lhe estimulam, terá o amador do século XX experimentado a emoção que deveria sofrer se pertencesse à mesma sociedade do artista?

Funk-Hellet, analisando as obras dos artistas renascentistas, vem demonstrando o sentido oculto das mesmas. Aplicando esquemas geométricos com as proporções postas em voga no Renascimento, Funk-Hellet faz ressaltar simetrias e proporções que ali não se encontram por acaso, mas foram construídas para exprimir o pensamento do artista. Em Leda, o esquema evidencia um ovóide claro correspondente ao ventre da mulher, e outro escuro ao corpo do cisne. Há, então, dous princípios opostos e afins, que se devem unir para criar as gerações, ali presentes nos dous pares de gêmeos. O pintor não se limitou a narrar um romance mitológico; em termos plásticos expoz que o "desejo de viver e de sobreviver é próprio da matéria viva. O desejo chama a união de dous polos opostos para perpetuar a vida".

A interpretação de Funk-Hellet ajusta-se à sociedade para a qual Leonardo executou a obra.

O Renascimento foi movimento de elite, que se limitou ao círculo de eruditos e artistas que se reuniam em torno de algum potentado. Na massa popular, onde a religião abrangia toda a visão de vida, uma obra como Leda causava repulsa, como Savonarola marcou na reação contra a onda de impiedade que provinha dessa minoria de filósofos e estetas.

Leonardo Da Vinci, foi um homem do seu tempo, entregue à arte e à ciência. Não era filósofo, e nas suas palavras devemos procurar a maneira como o artista sentia as idéas da época.

Leonardo, criando Leda, não faltou ao seu culto do mundo físico, tão marcado em suas notas do "Tratado de Pintura". Foi típico no Renascimento, e assim o fez Da Vinci, cultivar as idéas da Antiguidade, não pelo desejo de retornar a elas, mas por seu intermédio chegar ao mundo sensível. A Renascença dedicou-se à natureza, que no círculo de seus eruditos, filósofos e artistas, era olhada como a revelação da vontade divina. Quando, pois, Leonardo recomendava ao pintor que a imitasse, tal recomendação consistia no culto à obra de Deus, senão ao próprio Deus, conforme certas idéas panteístas então em voga. O "real", cuja verdadeira "semelhança" se encontrava na natureza, e que Da Vinci procurava imitar, não se prende as simples coisas visíveis que entendemos em linguagem vulgar de nossos dias, mas ao teocentrismo que Bréhler expõe como o esquema dominante do Renascimento: de Deus como princípio a Deus como fim, passando pelos seres finitos.

Nas idéas do Renascimento encontram-se, a cada passo, influências da filosofia de Nicolau de Cusa, para quem o mundo se transforma em uma infinita multiplicidade de infinitos movimentos heterogêneos. Também na sua filosofia se encontra o velho tema da coincidência dos contrários, em que, segundo os platonicos, repousava o princípio dos ser e do conhecimento. Leonardo Da Vinci aproximou-se, por sua maneira de pensar, de Nicolau de Cusa, que representava a nova tendência da investigação. "Desta sorte Cusa se converte, até certo ponto, em expoente do círculo a que pertence Leonardo, círculo que na Itália do século XV representa, junto à decadente cultura escolástica e à nascente humanista, uma terceira forma, especificamente moderna, da ciência e da vontade de conhecer".

Cassirer, além dessas relações entre Leonardo e Nicolau de Cusa, acrescenta também que Da Vinci não admitia que a arte fosse mera demonstração da fantasia subjetiva.

Não faltava razão a Leonardo Da Vinci para ver na pintura uma filosofia, e se assim o entendia, Leda mostra a versão plástica do princípio de coincidência dos contrários na oposição que constitui o tema central da obra. Os movimentos das mãos de Leda e das azas do cisne são outros tantos elementos preponderantes na interpretação de Funk-Hellet, e que se ajustam ao pensamento renascentista.



**Leda** — de **Leonardo Da Vinci**, com as linhas de análise feita por **Funck-Hellet** e as duas massas ovóides assinaladas por este autor em sua interpretação. (Desenho de **M. Coelho**)

Mondrian procurava a expressão plástica da "verdadeira realidade". O artista da Renascença, homem da elite intelectual, desenvolvia o mesmo tema imitando a natureza como se apresenta no mundo sensível, não se preocupando com os sentimentos do povo que, preso ainda às crenças medievais, via na mesma natureza o mal, o despreso, a maldição. O artista abstracionista, também da elite intelectual, desenvolve o tema da realidade através de relações plásticas, sem se importar com o povo que se prende ao mundo sensível em que se move. Os filósofos do Renascimento viam na natureza a inspiração divina, como afirmava, entre outros, Patrizzi: "Se a Divindade é a única origem de todas as cousas, poderá haver uma gradação de perfeições, mas todas as cousas, até as últimas derivações, deverão estar penetradas, animadas, dominadas pela inteligência divina"; os filósofos desta primeira metade do século XX, impregnados de ciência, não vêm a natureza, movem-se dentro de idéias que, na expressão de Brunschvicg, "encerram a realidade em uma trama de relações intelectuais sobre um plano horizontal".

A intuição pura, que se encontra na origem da arte de Mondrian, encontra-se igualmente nas filosofias de Bergson e de Husserl. Quando Mondrian vê todas as cousas constituídas da ação recíproca de duas forças contrárias, aproxima-se de Bergson, que considera o universo como choque entre a vida e a matéria, entre o que sobe e o que cai. Mondrian não confundia suas idéias com as do filósofo, como também Leonardo não moldava as suas pelas de Nicolau de Cusa.

Mondrian chega-se a Bergson quando elege a intuição como fonte de criação estética, mas se mantém dele afastado porque sua "intuição pura" não refliciona sobre seu objeto; sob esse aspecto tem contato com Husserl, mas se conserva à parte porque sua arte não necessita do "fluxo do vivido".

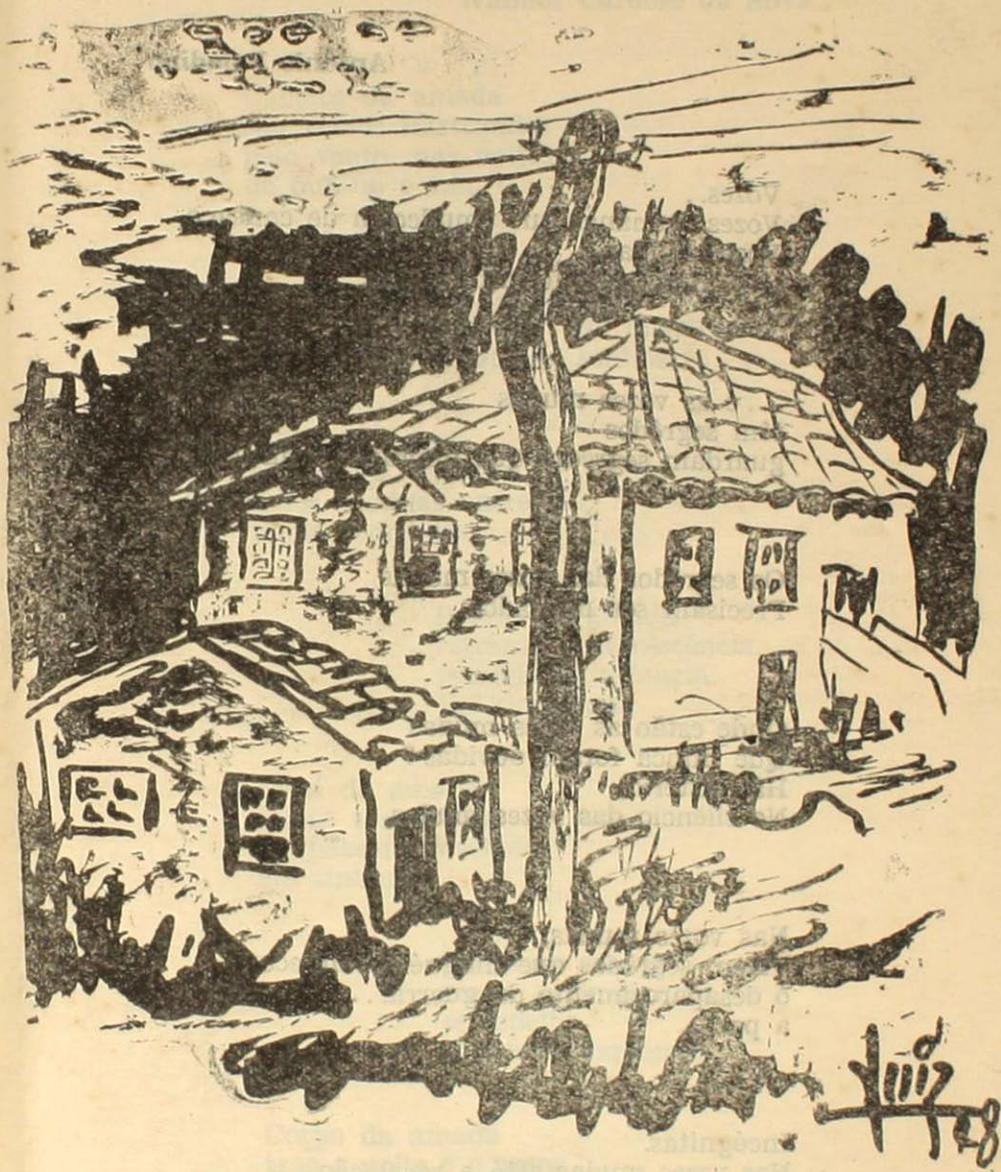
Mondrian afirma que a sua "associação de ritmo dinâmico puro" interpreta a realidade. Não diz que esses ritmos se ocultam na vida, realidade, mas que eles são a realidade e a vida. A mesma idéia de que o fenômeno entrevisto constitui a realidade, encontramos na introdução de Sartre em sua obra mestra: "o pensamento moderno realizou um progresso considerável reduzindo o existente à série das aparições que o manifestam".

Leonardo Da Vinci imitava a natureza porque através dela via Deus; o artista moderno afasta-se da natureza porque a ciência e a filosofia a vão transformando em relações cada vez mais abstratas. O filósofo positivista, Brunschvicg, escreveu recentemente que não há seres à parte uns dos outros, formando sistema único fechado, mas feixes de relações intelectuais que permitem situar o indivíduo no espaço universal com suas dimensões certas e que dirigem as circunstâncias da sua história.

A arte de Mondrian integra-se no pensamento atual. É humana porque é a expressão da mais alta indagação do espírito humano no mundo do real. Não importa que com isso a arte se afaste da massa, porque jamais a arte foi do domínio popular. Continua a ser de interesse de limitado círculo de iniciados, como o foi no Renascimento, onde encontra as condições de comunicação nas idéias dominantes nesse mesmo círculo.

Podem artistas e críticos rejeitar uma obra, porque esta não satisfazem ao padrão de beleza que adotam; o amador não terá este direito, devendo tentar a aproximação da obra de arte através do conhecimento. Outrora grupos que consumiam as obras dos mestres renascentistas eram parte de uma mesma sociedade, participes das mesmas idéias e do mesmo padrão de arte. Naquela época uma obra era bela ou deixava de sê-lo. Atualmente esses grupos são numerosos, de formações diferentes e padrões distintos. É no campo da arte que se vê como não parece absurda a conclusão do matemático Court, que defende a tese de que um fato não tem somente duas alternativas, verdadeira e falsa, nem tão pouco três, como quer o lógico polonês Lupasiewes, mas n alternativas.

Victor A. Peluso Junior



Desenho de Luis E. Santos

## POEMA DAS VOZES

Antônio Paladino

Vozes . .  
Vozes humanas que emudecem de cansaço,  
Vozes mudas  
Que ainda não foram ouvidas.

... e as vozes mudas  
têm segredos  
guardam segredos que ninguém conhece.

Os segredos das vozes mudas  
Precisam ser revelados.

Onde estão as vozes mudas  
Que nunca foram ouvidas ?  
Há mistério  
No silêncio das vozes mudas.

Nas vozes mudas,  
Vivem segredos que ninguém conhece:  
o desaparecimento da guerra...  
a paz...

Incógnitas.  
Nas vozes mudas está a revelação.  
Os segredos das vozes mudas,  
Precisam ser revelados.

## ROTEIRO DA AMADA

Walmor Cardoso da Silva

Cabelos da amada  
são versos misturados  
pelo vento, nas noites  
de outono e lua.

Olhos da amada  
são folhas acenando  
ao vento, são mistérios  
refletindo sonhos.

Mãos da amada  
são gestos enormes,  
mãos vestidas entre  
meus dedos sós.

Braços da amada  
estranha reminiscência,  
estudos da infância.  
Vos procurada.

Bôca da amada  
quase verso, rosa  
ou pássaro revelado  
em sussurro.

Rosto da amada  
mapa, onde ternura  
se espelha.  
Roteiro inexplorado.

Corpo da amada  
traz a noite e o amor  
descoberto.  
Jamais solidão.

## LITANIA DE SIMPLICIDADE

Eglê Malheiros

A beleza das coisas simples,  
A felicidade dos imensos nada,  
Ser natureza unicamente  
E tudo compreender.

Ser simples,  
Na simplicidade cheia de fôrça  
Que a natureza tem;  
Me irmanar com a vida,  
Sentí-la profundamente,  
Fazer em meu ser profundas chagas  
Com a dor de todos,  
E me sentir compensada  
Na alegria do vôo de um pássaro,  
Na misteriosa poesia  
De estrélas morrendo  
Envoltas em luz  
Ao dia surgir.

1948

## ADORAÇÃO

Nidoval Reis

Adoro visitar os cemitérios  
onde ricos e pobres sem os torpes  
preconceitos se confundem  
numa só fraternidade.

Adoro visitar êsses recantos  
onde a vida se resume em vagas flores  
plantadas, sem vontade,  
como preto de Saudade !

São Paulo — Março de 1952.

## TRENO DA ESFINGE QUEBRADA

Rodrigues Marques

Sob a aurora de meu quebra-luz  
Os punhais do relógio me assassinam.

A que seria minha amante  
Ao invés de lágrima chora whisky e soda  
Depois não se consola e vai morrer no espelho  
(Primeira glória de morrer duas vezes).

Tragicamente virá o alfaiate  
Retalhar o arco-iris sôbre nós.

Do livro inédito: TRENO DA ESFINGE QUEBRADA.

## POEMA

Nuno Miranda

Se te disserem: Para !  
Segue o teu caminho pela noite fora  
que a Vida é bem maior que o mundo  
para lá, nos plainos onde brilha  
a luz da aurora.

Se te disserem: Para !  
faz forte teu coração oprimido de mil iras  
E vai sereno,  
ao frio e ao vento  
de cabeça erguida,  
na estrada nova e já florida.

Se te disserem: Para !  
não deixes recalcada a vóz quente do teu sangue  
e renega a descrença que porventura se alevante

Se te disserem: Para !  
vai no teu caminho  
e jamais tenhas recuos !

Vai,  
que eu já diviso a manhã clara e prometida !

S. Vicente de Cabo Verde — Africa Ocidental Portuguesa

## EU PASSO E VÓS NÃO !

Para Salim Miguel

Manuel Pinto

Ah, unhas negras do tempo,  
fustigando a carne,  
fustigando os ossos,  
fazendo rugas !

RUGAS ! . . .

Ah, filho, filho,  
que tão cedo te foste,  
sem ver e andar as estradas do mundo !

Ah, nuvens a toldarem-me o sol  
quente da felicidade  
e a porem-me negro, — tão negro ! —, o coração.

Ah, vida magra, vida magra,  
de ossos em feixe e cinzas em monte !

NADA ! . . .

Ah, sol que de tão alto ardes  
e nem por isso a todos aqueces !

Ah, fúria e ânsia deste tempo  
a apontar a esperança de outro melhor ! . . .

.....  
Oh, dias perros, dias perros,  
eu passo e vós não ! ! . . .

Faro — Portugal.

## NA ENCRUZILHADA

(Para o prof. Dubois e para Agostinho Neto)

### Viriato da Cruz

Para além da alegria multímuda dêste parque acolhedor  
— tarde soalheira! florões amarelos vermelhos o cicio do vento  
nos ramos balançando balançando dos altos eucaliptos.  
Para além do olhar amplo mar manso das crianças  
um olhar contendo a confiança nos homens  
e a certeza de vida no futuro  
Para além deste par enamorado um ao outro harpando  
a doce música do amor  
Para além desta meiga presença de minha mãe  
na carta que ontem me escreveu  
Para além de quanto me dá esta emoção positiva, eu vejo  
o solo de onde a beleza provém, eu vejo  
a mão no arado a mão no tear a mão na enxada, eu vejo  
o tubo de ensaio suspenso da mão paredes subindo debaixo  
da mão  
a agulha na mão debaixo da mão tachos no fogo que a mão  
domou, eu vejo  
cabeças na escora da mão pensando aumentar da mão o  
poder, eu vejo  
o livro na mão o Homem a Mão, eu vejo  
o trabalho crescendo na Paz criadora oh a Paz —  
— o modo humano da existência fecunda! Glória  
à Paz

E a vós também ó paladinos da Vida —  
humanizais os corações de pedra do mundo cobrindo-os  
com o manto indomável da vossa ação de musgo  
Nos olhos incegáveis do vosso querer de musgo: um parque  
assim  
em cada bairro  
Cada criança goze a infância como se comesse uma maçã  
de aurora e mel  
Nunca mais noivas beijem lábios que soltaram o ódio injusto  
e sorveram sangue alheio  
E tomaremos nosso alimento com as nossas mãos de semente  
chelas de inocência e poder construtivo oh  
Glória! a vós campeões da Vida — Glória!

Nova Lisboa, Maio de 1952. — ANGOLA.

Francisco José Terneiro

Da terra negra à terra vermelha  
por noites e dias fundos e escuros,  
como os teus olhos de dor embaciados,  
atravessaste êsse manto de água verde

— estrada da escravatura  
comércio de holandeses —

Por noites e dias para ti tão longos  
e tantos como as estrelas no céu,  
tombava o teu corpo ao peso de grilhetas e chicote  
e só o ritmo de chape — chape da água  
acordava no teu coração a saudade  
da última réstea de areia quente  
e da última palhota que ficou para trás.

E já os teus olhos estavam cegos de negrume  
já os teus braços arroxavam de prisão  
já não havia deuses, nem batuques  
para alegrarem a cadência do sangue nas tuas veias  
quando ela, a terra vermelha e longinqua  
se abriu para ti

— e foste 40 £ esterlinas  
em qualquer estado do Sul.

(De São Tomé).



Desenho de Bertina Lopes

## CAPÍTULO DO ROMANCE "RETALHOS DA VIDA COTIDIANA"

(INÉDITO)

Antônio Simões Júnior

O desejo de emigrar torna-se uma obsessão no Chico da Júlia, levando-o a não excamotear esforços nem sacrifícios para atingir os seus fins. A Primavera já se anuncia pelas hortas e nos alegretes do jardim, como o prenuncio dum dia de sol, com novas esperanças.

No fundo do mealheiro acumulam-se já os primeiros tostões. São ainda bem poucos, sem dúvida, mas a eles se juntarão outros mais, assim que terminarem aqueles insípidos dias de chuva sem clientes. Quando o sol volte a brilhar e desapareça a lama das ruas, êle voltará a ter sapatos para engraxar.

Correrá de manhã à noite pelos cafés e bancos da avenida, gritando: **Graixa, ó freguês! Graixa...!**

Atualmente engana a fome de fim de inverno, com cinco tostões de pão e um mundo de esperança. Por vezes sente uma debilidade física relaxar-lhe os musculos e provocar-lhe febre, mas não lhe liga grande importância. É **debilidade de inverno com barriga e sem pão**, como dizem os marítimos.

Já passará, porque também o inverno passa. Tudo passa. É questão de saber esperar. Na sua vida há passado muito coisa: a morte da mãe, do pai e aquela ilusão pela alemã branca e loura que desapareceu numa curva da estrada do seu destino.

Aquela tossezinha provocada pelos primeiros frios daquele rigoroso inverno, vai-se tornando numa tosse convulsa que lhe revolte o peito e causa náuseas.

Há que tomar um xarope para acalmá-la, como insinuou um cliente. Mas quê? Bobices. Passará. Tudo passa. Não vai partir o mealheiro por causa dela. Já bastava os cinco tostões de pão, que mesmo assim lhe pareciam um roubo feito aos seus sonhos de emigrante.

Além disso, os pobres não tomam remédios nem consultam doutores. É a lei da sociedade; há que respeitá-la.

No meio destas cogitações o Chico lembra-se das palavras que um dia ouviu do Dr. Poncê, quando ainda era vivo e decifrava **Palavras Cruzadas** a porta do Avenida: **Já virá o tempo em que não haverá mais pobres, em que todos os seres humanos serão iguais perante a lei e terão os mesmos direitos e deveres.**

Sim, tudo é possível. De resto, o mundo dá muitas voltas como os palhaços de feira. Quem sabe se êle chegará um dia a essa terra imensa e longínqua de que falava o Dr., onde brancos, pretos e amarelos se chamam irmãos.

O Tocha, andarilho de pés de lixa, como é conhecido na vila, falou-lhe já num barco de seis metros que se encontra à venda no estaleiro. Se o pudessem comprar, que bom seria. Com uns duzentos ou trezentos escudos cada um, entre dez ou doze, teriam o suficiente para que a embarcação fôsse sua. O pior era o inverno, mas a Primavera já se anuncia no horizonte e nas amendoeiras em flôr das cercanias da vila...

Nessa manhã o Chico da Júlia não pode levantar-se. O corpo pega-se-lhe à enxerga, retendo-o. As forças abandonam-no, deixam-no entregue a trágicos pressentimentos que o cérebro esvaído fantasia.

A cabeça pesa-lhe como se fôsse de chumbo e perde todo o estímulo físico. Cerra os olhos e deixa-se ficar na quietude morna do quarto triste, esperando algo que não sabe denominar mas adivinha escondido em qualquer parte. Um acesso de tosse mais violento fá-lo contorcer-se e apertar o peito com as mãos.

Reabre os olhos e poisa-os naquele cavaleiro encouraçado do cartaz de lâmpadas Philips, que havia colado na parede. A debilidade invade-lhe as pálpebras e cerra-lhe de novo, mas o cavaleiro encouraçado, de arma em riste, agita-se-lhe na imaginação. O cavalo escarva o solo, impaciente, mas o cavaleiro sustem firmemente as rédeas, esperando resignado e estático.

A febre fá-lo delirar. O cavaleiro de bronzea armadura prepara uma emboscada. Quem? A êle? Sim, a êle! A morte disfarçada de cavaleiro está-o esperando. Então estará assim tão doente?

E os tostões do mealheiro?, e a ânsia de emigrar? Tudo perdido... Lembra-se da mãe e das palavras com que ela previa a sua própria morte. A voz dela parece vir de além-túmulo, através das frestas da porta por calafetar. — Chico, alimenta-te bem. Nunca tires da barriga para pôr em cima... Chico, quando eu morrer, calcem-me os meus sapatos pretos e vistam-me aquele vestido de veludo dos meus tempos de solteira. A terra deve de estar tão fria, e estão tão sós os mortos.

Agora compreende melhor as palavras daquela santa — porque as mães são sempre umas santas. Como pôde esquecê-las? A doença que nêsse dia o impede de ir engraixar sapatos, é como uma torrente subterrânea cuja existência se ignora. Ela atravessa montanhas, cruza fronteiras e vai de geração em geração, minando raízes e se semeando podridão.

.....  
Como escreve Alves Redol, a vida do pobre é a história mais triste do mundo. O Chico da Júlia entregue aos seus sonhos, esqueceu-se de que o homem não pode viver só de esperanças. A sociedade tuberculizou-o e arremessa-o para a sepultura. E êle estava crente de que se ia precipitar nos longos caminhos do mundo.

Quando se convence do engano, já é tarde. Ainda intenta arrepiar caminho, mas o cavaleiro encouraçado, de arma em riste, evita-lhe o passo.

Informado que é, pela vizinhança, do estado do seu inquilino, o senhorio ordena que o expulsem do quarto como medida preventiva contra um eventual contágio entre os inquilinos dos outros compartimentos.

Amparado por Tocha e Olhinhos, o Chico da Júlia vai sentar-se num banco da avenida. Está transfigurado e tiritado de frio e febre. O sol não aquece, uma nuvem tolda-o.

Um bando de garotos trapeiros e apanhadores de pontas de cigarro, rodea-o, sem compreender bem o que se passa...

O Tocha e o Olhinhos não sabem que fazer, mas compreendem que é necessário fazer qualquer coisa.

— E agora Tocha? Que fazemos?

— Que vamos fazer? Chamar a autoridade, avisar a gente. Não vamos deixar abandonado aqui, para que morra como um cão.

— Isso não, Tocha. Os pobres também tem alma.

— Tem alma, tem. E olha que nem os deixam morrer tranquilos. Jamais esquecerei o que êsse Ratazana fez ao Chico.

Se pudesse transformar-me em formiga para roer-lhe o coração.

— Se o tem, deve de ser duro que nem uma pedra...

— Sabes escrever números grandes, como os dos jornais que vende o Bocage?

— Sim, Tocha! Todos não, mas alguns sei.

— E tens papel?

— Não, mas compraremos. Tenho aqui um cruzado. E tu quanto tens?

— Quanto tenho? Nada. Estou seco que nem um bacalhau. Olha, Olhinhos, não precisa papel. Vamos pedir aos donos das lojas alguns cobres, expondo-lhes o caso do Chico. Só tendo entranhas de fera, é que não nos atenderão.

— Sim, Tocha. Mas pensa que é preciso levar antes o Chico para qualquer parte. Se fica aqui tempo, morre. Será um espetáculo muito triste.

— Bom, então tu que fojes mais do que eu, vais avisar o chefe da polícia. Conta-lhe tudo de cara triste, enterneca-lhe o coração com palavras sentimentais. A ver o que êle diz.

— Sim; voltarei depressa!

O Olhinhos, também apodado de Pé leve, desata a correr avenida abaixo, em direção da Esquadra. O Tocha torna a contortar o Chico da Júlia, dizendo-lhe que alguma coisa hão de fazer por êle, já que o Ratazana o expulsou do quarto.

O ar húmido da tarde fria provoca convulsivos ataques de tosse no pobre engraixate tuberculoso, que lhe arrancam os últimos alentos de vida. Alguns transeuntes param um momento, mas logo tementes daquela realidade crua que não têm coragem de encarar, abalam. Só os garotos esfarrapados, semi-inconscientes do drama social que o Chico encarna, chilreiam, como um bando de pardais.

O Olhinhos acaba por regressar, com as faces afogueadas por tanto correr.

— Viste-o? Que te disse? — pergunta ansioso o Tocha.

Um encolher de ombros foi a primeira resposta. Depois o Olhinhos vocifera colérico.

— Um raio o parta. Se o Ratazana tem coração de pedra, aquêle deve tê-lo de ferro. Praga maldita.

— Mas que te disse? — insiste o Tocha.

— Que me havia de dizer? Que não pode fazer nada, e muito menos levar o Chico para sua casa. Que acabaram com o hospital para fazer uma Casa do Povo e não sei que mais.

O Tocha tira o boné e coça na cabeça, num gosto de confusão.

— A quem vamos falar agora; Olhinhos?

— A ninguém, Tocha!

— Então não vamos pedir alguma coisa para ajudar o Chico?

— É inútil, Tocha. Ninguém dá nada. Aposto a cabeça. A gente do nosso pano não tem mais nada do que piolhos, fome e frio, e às vezes, quando o sol aquece, um pouco de esperança.

— Tu lembra-te do que dizia o Dr. Ponce: — O Sol quando nasce é para todos?

— Sim... — murmura o Olhinhos e alevanta os olhos fixos para o segundo andar do prédio Avenida. — Parece que o estou a ver.

— Dizem que tinha o mesmo mal do Chico.

— Dizem. A doença não respeita ricos nem pobres, nem mesmo os doutores.

— Mas para onde levamos o Chico? Está-se a fazer tarde.

— Sabes, Tocha? Estou a pensar. Espera. Deixa ver... Se o levássemos para casa do Ferrinho.

— Do Ferrinho? Mas se é um tipo com cara de moças e vícios de mulher. Que dirá a gente?

— Já sei, Tocha. O mundo dirá muita coisa. Mas que queres! Talvez seja a única casa da vila que ceda um canto para o Chico morrer tranquilo. Além disso o Ferrinho, segundo dizem, também está tuberculoso. Por isso nada perde com o trato...

— Está bem, Olhinhos. Vamos...

Os dois amigos conduzem o melhor possível o companheiro de infortúnio e ilusões para casa do Ferrinho, que não obstante ser um degenerado pederasta, demonstra ser solidário na desgraça com aquele engeitado abandonado pela sociedade à roda do destino.

Deitado numa velha enxerga, semelhante à sua, que o Ratazana fêz queimar, o Chico da Júlia vê o cavaleiro de bronzearmadura e cavalo branco, de cartaz das lâmpadas Philips, aproximar-se d'ele, dizendo-lhe: — Não tenhas medo. Venho buscar-te para o mundo da eternidade.

Perde a noção da vida e mergulha no abismo da morte.

---

**Ajude o movimento editorial "SUL" que tem procurado divulgar novos autores, adquirindo os seguintes volumes já lançados:**

#### **Edições "SUL"**

- I — **Velhice e outros contos** — de Salim Miguel
- II — **A Ponte** (prosa e verso) — de Antônio Paladino

#### **Cadernos "SUL"**

- I — **Idade 21** — poemas de Walmor Cardoso da Silva
- II — **Manhã** — poemas de Eglê Malheiros

Dentro de breve, nas Edições "SUL":

- III — **Alguma Gente** — histórias — de Salim Miguel
- IV — **Contistas Novos de Santa Catarina**, edição ilustrada por artistas plásticos catarinenses
- V — **Piá** — contos de Guido Wilmar Sassi

#### **Nos Cadernos "SUL"**

- III — **Terra Fraca** — poemas de Anibal Nunes Pires

## O QUIMONO

Conto de José Afrânio Moreira Duarte

A porta do guarda-vestidos da mãe rangeu, quando Sérgio a abriu, e o belo quimono, no meio das demais vestes que ali se encontravam, realçou-se aos olhos do menino. Quase automaticamente, suas mãos correram por sobre o tecido macio, lentamente, a princípio, um pouco às pressas, logo em seguida. Espalhou-se o perfume que haviam pôsto nas roupas. Assim que ouviu ruído na escada, porque alguém se aproximava, Sérgio assustou-se e fechou a porta, rapidamente, trêmulo. Com as pernas bambas, dirigiu-se para a janela do quarto. Reconheceu os passos da mãe mas ela não veio até à sua alcova e logo desceu de novo, quase correndo. Sérgio permaneceu na mesma posição, olhando para o pátio. Lá em baixo, via a arrumadeira varrendo, cantarolando. Veiu-lhe de novo ao pensamento tudo aquilo que, em vão, procurava esquecer. Apenas por algum tempo conseguia distrair-se um pouco.

Alguns dias antes, havia chegado à cidade um primo de seu pai, Luis Fernando, que viajava para certa firma comercial. No mesmo dia em que chegara, fôra visita-los mas preferiu ficar no hotel mesmo, apesar dos insistentes convites que lhe fêz o dono da casa para hospedar-se com eles. O moço visitava-os constantemente e conquistou logo a amizade de todos. Luis Fernando nascera também naquela cidade mas residia no Rio, havia muitos anos.

Em uma tarde, já naquela semana, Sérgio dirigiu-se, como habitualmente, ao encontro dos amigos, para jogar bola. A pelota saltava, de um lado para outro, com grande rapidez, na rua sem calçamento, levantando poeira, irritando os transeuntes, que reclamavam. Quando se aproximou seu pai, afastou-se dos colegas e seguiu-o, quase correndo para acompanhar seus passos largos. Disse-lhe êle que teria de viajar, imediatamente, pois recebera um telegrama chamando-o a Belo Horizonte para tratar de negócios. Mal chegaram em casa, puseram-se a arranjar as malas, auxiliados pela mãe, enquanto conversavam amavelmente.

Desceram e ficaram no portão do jardim, esperando o ônibus que não tardou a surgir businando. Emílio beijou a esposa e, a seguir, agachando-se, fê-lo também ao filho, espetando-lhe o rosto com a barba crescida, que não tivera tempo de fazer. Subiu para o carro, quando já estavam impacientes com a demora. Sérgio permaneceu ainda na porta, olhando o ônibus, até que êle virou a esquina, lá longe.

Depois do jantar, a mãe subiu ao quarto e êle ficou sentado na sala, lendo um "Tico-Tico". Ouvia-se o ruído que a copeira fazia, ao tirar os pratos da mesa, o das panelas sendo lavadas na pia da cozinha, a cozinheira cantando um samba do último carnaval. O dia fôra claro mas, às primeiras horas da noite, esfriou e surgiram diversas núvens negras. Do rádio, ligado baixinho, vinha o som da Ave-Maria de Gounod.

Levantando casualmente os olhos, Sérgio não pode deixar de sorrir, intimamente entusiasmado, ao vêr a mãe, que descia. Estava linda, parecia uma artista, pensou êle. Havia vestido um traje mais caseiro, visto que não sairia. Estava com o belo quimono de cetim cor-de-rosa, que fizera na véspera. Não se tratava de uma veste cara mas tanto realçava os seus encantos que ela o preferira às demais. Seus cabelos, muito negros, estavam como que ainda umedecidos pela água do banho que tomara. — "A senhora está linda hoje, D.

Eunice" — comentou a copeira, lisonjeando. A patroa sorriu, satisfeita, e sentou-se em uma poltrona, perto do rádio. Começou a lêr o livro, que ali deixara, de vez em quando cortando, com a faquinha apropriada, as páginas que ainda se encontravam fechadas. Só depois de contempla-la, por muito tempo, orgulhoso, embevecido, é que o menino continuou a leitura.

Um pouco mais tarde, chegou Luis Fernando. Tomara uma intimidade excessiva na casa, com grande rapidez. Nem sequer bateu na porta e foi logo entrando, como se já estivesse habituado a fazê-lo há anos. Sentou-se perto de Eunice e, depois de dirigir um gracêjo qualquer ao pequeno primo, começou a palestrar com ela. Falaram sobre os assuntos mais diversos e fúteis. Finalmente se rompeu a barreira que parecia existir entre os dois, quando não haviam tomado ainda uma intimidade maior, o que era compreensível visto que há tão pouco se conheciam. A mãe, divertida, alegre, começou a rir muito, o que não deixou de surpreender ao menino. Rápidas correram as horas.

Durante todo êsse tempo, Sérgio esteve entregue à leitura e só a interrompeu quando Luis Fernando lhe pediu para ir comprar-lhe cigarros. — "Me traz um Continental liso, bichão" — disse o moço, estendendo-lhe a nota de cinco cruzeiros, novinha em folha. Quando voltou do bar, que não ficava longe Sérgio assustou-se ao encontrar, entrando súbitamente, a mãe e Luis Fernando, sentados no sofá, muito juntos, de mãos dadas, sorridentes, olhando um para o outro. Ela cruzara as pernas, que o quimono não estava escondendo muito. Assim que deram pela chegada de Sérgio, separaram-se desconcertados. — "Pode ficar com o trôco, bichão, vai comprar balas, vai" — Ele saiu, um pouco desconfiado, sem poder compreender ao certo a razão da cena que presenciara. Ao retornar, não encontrou o primo. Disse-lhe a mãe que êle já se fôra.

Quando Sérgio ia ao quarto de Eunice, tirar da cômoda a roupa para ir ao grupo no dia seguinte, ela, rapidamente, impediu-o de fazê-lo. — "Pode deixar, que eu busco, sim filhinho?" — Além disso, ela levou-o para o leito e, depois de cobri-lo, acariciou-lhe os cabelos. — "Agora dorme, sim filhinho?" — O menino estranhou tal boa vontade, visto que a mãe sempre se descuidava muito dêle, mas sentiu-se feliz. Enfiado, cerrou os olhos enquanto Eunice se afastava arastando os chinêlos pelo quarto.

Sérgio estava cochilando, quase dormindo, quando acordou de repente, assustado, com a impressão de que ia caindo em um buraco profundo. Um pouco indistinto, no começo, já mais claro e alto, por fim, veio-lhe aos ouvidos o som de vozes. Ergueu-se e deixou o leito. Teria o pai voltado? E se fossem ladrões? A êste último pensamento, estremeceu e parou por um instante, mas logo continuou. Os pés descalços não faziam barulho, só de vez em quando é que uma táboa estalava. Chegou à biblioteca, que no andar superior era o cômodo central, dando portas para os diversos quartos, e, de repente, com uma tremura que lhe percorreu todo o corpo, parou, sem poder prosseguir. É que reconhecera, vinha do quarto da mãe, a voz de Luiz Fernando!...

Tinha treze anos, já não era tão criança que não pudesse compreender. Sentiu uma raiva profunda e, depois, sem que êle quisesse, não se controlando, começou a chorar baixinho. Voltou depressa para a cama mas não pode dormir. Sucediã-se as horas, sem que o sono viesse. Êle ouvia, de tempo em tempo, o relógio da matriz bater. Depois, o latir dos cães quebrava o silêncio da noite insone, que lhe pareceu enorme. Só de raro em raro é que passava uma pessoa;

assobiando. Pela vidraça, Sérgio via o poste elétrico, em frente, e as estrelas começando a brilhar no céu que se desanuviava. O cantar dos grilos e das cigarras era interminável.

Sérgio continuou chorando. Então a sua mãe, que ele julgava ser um modelo de virtudes, até ela... Era horrível! Imaginava-se forte, poderoso e grande, tiraria o primo de casa, a murros, ensina-la a proceder dignamente. Mas que poderia fazer? Era pequeno, impotente para enfrentá-lo. E depois, se ele estava lá, era porque ela também queria... Sempre se sentira orgulhoso da grande beleza da mãe e não perdia oportunidade de dizê-lo aos amigos, como se quisesse mostrar que nem um deles tinha uma mãe tão linda assim. Entretanto, naqueles momentos amargos, recordava-se das outras senhoras da vizinhança, mulheres pobres e humildes, as mães de seus colegas, e só podia ter um sentimento de inveja. Seria preferível ser filho de uma mulher feia, como a mãe de Genaro, que vivia trabalhando, sem vaidades, porque ela nunca seria capaz de fazer isto, ele estava bem certo, nunca!

Só depois que o velho relógio bateu as quatro da madrugada é que Luis Fernando foi embora. O menino ouviu quando ele se despediu da mãe, que o levou até à porta. Correu para a janela e, sem ser visto, pôde enxergar o jovem que ia se afastando no meio do nevoeiro que se adensava. Depois ele sumiu. Os cachorros continuaram ladrando, ao longe.

Ao encontrar a mãe, no dia seguinte, evitou-lhe o olhar. O pai regressou, mais depressa do que se esperava, pois tudo se resolvera satisfatoriamente. Sérgio achou estranho o modo demasiado gentil com que Eunice recebeu o esposo, como se nada houvesse acontecido. — "Trouxe todas as minhas encomendas, querido? As linhas de bordar, os livros, as revistas..." — Abraçou-o, carinhosa. Durante todo o tempo em que os três estiveram juntos, à mesa do jantar, o menino esteve calado, quase chorando. Não sabia qual a atitude que deveria tomar, em tal circunstância. Pensou em contar tudo ao pai, julgando ser isso um dever, mas, ao mesmo tempo, temia fazê-lo. Lembrava-se de ver a mãe, na copa, lendo para as criadas, sempre ávidas de novidades, a última página do "Estado de Minas", grifando bem as palavras que vinham em letras garrafais no jornal: — "Espôso ultrajado a mulher infiel e o amante, apanhados em flagrante". — Engraçado, por causa de tais reportagens, ele sempre associava a palavra "flagrante" à idéia do ato sexual, a princípio julgara que ela significasse isso mesmo. Em imaginação, via a mãe morta, o pai na cadeia ele abandonado... Horrível, silenciar era melhor, apesar de tudo!

Após a sobremesa, o pai saiu, para dar a volta costumeira, e Sérgio acompanhou-o. Era com piedade que olhava, disfarçadamente, o progenitor, que seguia ao seu lado. Ele era tão bom, tão amigo, nunca lhe batera. Sempre calmo, procurava encaminhar todos os problemas que surgiam para a solução mais razoável e justa. Não merecia que a mãe fizesse "aquilo" com ele, não.

Quando passaram em frente ao bilhar, o menino viu Luis Fernando lá dentro. Queria que seguissem, sem o encontrar, mas o moço deu o taco a outro jovem que se encontrava perto, para que ele terminasse a partida, e veio, alegremente, saudar o primo.

— "Então, como vai essa força?"

— "Vou bem, obrigado, e você?"

— "Bem. E a capital, que me diz da capital?"

— "Cada vez melhor, como sempre."

Íam agora os três. Luis Fernando, fraternalmente, segurou o braço de Emílio. Dir-se-ia sêr êle o melhor, o mais sincero amigo do mundo. Sérgio analisava-os. Eram tão diferentes... O pai, já envelhecido, talvez um pouco gordo demais, os cabelos prateados, a fisionomia sempre serena, inspirando confiança. O outro, novo, elegante, atraente, ainda que relutasse em reconhecê-lo, bonito mesmo, sempre com os cabelos bem penteados, perfumados... Já não o suportava mais, depois do que se passara, seria impossível estimá-lo, por pouco que fosse.

Durante todos os dias que se seguiram, o menino viu-se atormentado com tais recordações de que não se livrava. Luis Fernando voltara para o Rio (que bom se o trem descarrilhasse e êle, sòmente êle, morresse, os outros passageiros apenas passassem pelo susto) mas era como se ainda estivesse presente.

O menino não tolerava mais nem vêr o quimono que a mãe usara na ocasião. Era como se o traje sintetisasse todo o objeto de sua cólera, odiava-o! Por várias vêzes já estivera ali no quarto, abrindo o guarda-roupa, como se algo o atraísse para a contemplação do quimono, imaginando um meio de destruí-lo, supondo que assim ficaria livre das preocupações que o afligiam. Viu que no pátêo, ali em baixo, a arrumadeira amontoara o cisco e fizera uma fogueira, antes de sair. Quando se certificou de estar novamente só no andar superior, tornou a abrir o guarda-vestidos e, numa resolução definitiva, tirou o quimono do cabide. Trêmulo, dirigiu-se de novo para a janela e, antes que se arrependêsse, do intento, enrolou-o, como uma pequena bola, para que o vento não o desviasse, e lançou-o as chamas. Muito em breve, o fogo reduziu-o a retalhos fumegantes.

Sentindo o cheiro de pano queimado, Eunice chegou à janela da copa, onde estava bordando, e, ao vêr o filho lá em cima, paralizado, viu sêr êle o autor do ato, ainda que não compreendesse o motivo. Subiu, correndo, e esbofeteou Sérgio no rosto, unhou-o, beliscou-o, numa incontida cólera. Foi xingando ainda que saiu do quarto.

Mas o menino não chorava e não gritava, pelo contrário, até sorria!...

Minas-Gerais

## O SOLDADO DE RONDA

Conto de Alvízio F. de Mendonça

São vinte e três horas na enfermaria da Penitenciária da cidade... Os dois rapazes que chegaram, à tarde, não conseguem dormir, sem necessidade de conversar, de trocar idéias mas já tocou silêncio, há muito tempo, e os passos do soldado de ronda, no pátio, fazem-se ouvir, de vez em quando, numa advertência.

O mais moço dos dois rapazes, de cabelos crespos, voz macia, olhos sonhadores, filho de camponeses de uma cidade, vizinha, vira-se angustiadamente na cama, em busca de sono, desde que foi internado. Na cela, não podia dormir. Os percevejos e os mosquitos roubavam-lhe o sossego noturno. E de olhos fitos no teto assistia o anoitecer de dias longos de angústia e desesperança. Agora, que poderia dormir, chegou a estranha suspeita de que não poderá fazê-lo, a bem que deseje existir.

— Você não tem medo? — balbucia para o rapazinho franzino, muito pálido e de olhos vivos, seu vizinho de catre e companheiro de baixa, naquela tarde. — De que? — assusta-se o interpelado.

— Do soldado de ronda! Não lhe está ouvindo os passos, no pátio?

O rapazinho franzino medita na significação das palavras do amigo, fica com os ouvidos na escuta, os olhos fitos no teto e como se ali estivesse o perigo. Quando o soldado passou diante da porta envidraçada, uma sombra se alongou sobre o assoalho, subiu alguns leitos, escurecendo-os. E o rapaz franzino não pode expressar o seu pensamento sobre a presença do soldado de ronda. Tossiu muito, mais do que era costume tossir na cela. Receia que a tosse lhe crie embaraços e procura abafá-la, como pode, com os pulsos magros. Sombras de árvores, de pátios vizinhos, penetram pelas claraboias, dançam nas paredes brancas e nús, de maneira esquisita.

O rapaz de cabelos crespos procura o companheiro na meia-luz da sala da enfermaria. Encontra-o agora com a cabeça metida no travesseiro sujo, frio, tresandando a mão e óleo, testemunha também de muitas outras angústias anteriores de morte. Tem medo de ficar acordado, sozinho, e insiste no desejo desesperado de entabular conversa —

— Ei, por que você baixou à enfermaria, hein?

O rapaz franzino sente vontade de não responder. Faz que não ouve. Mas o companheiro insiste —

— Hein, responda! Por que você baixou?

— O médico disse que eu escarrei sangue!

— Ah! Fale mais baixo! Espere, e você não sabe se escarrou mesmo?

O rapaz franzino agora sente mais escrúpulo, não responde. O rapaz de cabelos crespos angustia-se. Quer devassar a vida do outro, menos por curiosidade que por um desejo tormentoso de não deixá-lo dormir.

— Por que lhe prenderam, hein? Roubou ou matou alguém?

— Não, eu não fiz nada. Mas eles queriam que eu dissesse que tinha sido eu. Eu estava lá, realmente, no bal...

— Psiu! Fale mais baixo — interrompeu o outro.

— ... no balcão da mercearia. Havia outras pessoas por perto,

inclusive o homem sêco e alto, de olhos escuros. De repente, vi-o esconder qualquer coisa no bolso e sair. Depois que êle saiu, pouco depois, um homem baixo e gordo gritou para mim, apontando-me. Tive medo e corri. A garrafa caiu adiante e quebrou-se. Tive medo dos gritos de meu pai e voltei, baixei-me chorando para apañhar os pedaços. Com que agora levaria o querozene prá casa? Agarram-me e conduziram-me a uma sala estranha e escura. Quando os homens fardados chegaram, bateram-me no rosto para que confessasse que tinha sido realmente eu. O homem gordo e vermelho me escarrou na bôca e o outro de óculos me bateu nas faces, balbuciando, rispida e pausadamente: —

— Ladrão sujo!

A sombra do soldado de ronda tornou a alongar-se sôbre o assoalho, subiu novamente alguns leitos e demorou na parede. O rapaz franzino calou-se, procurou o amigo, encontrou-o parado, imóvel, como se estivesse dormindo, há muito tempo. E é êle agora que tem medo de ficar acordado ouvindo aqueles passos, angustian-do-se com a presença daquela sombra: —

— Ei, você não queria ouvir a minha história? Por que está dormindo? Não durma e me conte também a sua. Eu tenho agora medo da sombra! Não era isso que você queria saber?

O rapaz de cabelos crespos levou o dedo em vertical sôbre os lábios, numa atitude de medo e cautela. Volveu os olhos assustados para a porta como a indicar um perigo iminente e falou baixinho —

— Não viu que êle estava parado? Não devemos deixar que êle nos ouça. Poderá querer bater-nos também, entende? Eu... Eu... — gaguejou o rapaz de cabelos crespos, embaraçadamente — Psiu! Êle já vem aí de novo! Depois eu digo!...

\* \* \*

Muitas horas passaram, inútilmente. Com a continuação, os passos do soldado de ronda para lá e para cá, no pátio da enfermaria, cresceram, avolumavam-se fantasmagoricamente, parecem agora querer esmagar o rapaz franzino. Quando a sombra passa de frente à porta envidraçada, êle, no catre, deitado de bruços, treme, mete o lençol na boca para não gritar, espera a volta assim com estranha e incontrolável ansiedade. E a ansiedade do rapaz franzino cresce mais, transborda como um copo cheio quando o soldado volta: —

— Tcha... tcha... tcha... tcha... — monótona e pausadamente. O soldado parece que tem muito sono.

Sente vontade de gritar mais forte, leva porém as mãos magras e trêmulas sôbre os lábios e sepulta os gritos dentro da própria boca. Lembra-se de chamar o outro mas onde estará êle agora? De que lado? Não enxerga nada. Tudo é turvo e trêmulo diante dos olhos.

Coça-os com as mãos pesadas de angústia. O silêncio interior continúa como um muro de desespero e agonia. Depois, numa das camas adiante, alguém começou a tossir e a gemer. Mais próximo, uma outra pessoa pareceu acordar e estertores de aflicção lhe chegaram mais nítidos aos ouvidos. O cáos humano parecia despertar de uma longa dormência, em cada catre.

As sombras de árvores de pátios vizinhos continuam a dançar nas paredes brancas e núas da enfermaria. O rapaz franzino agoniza. E se algum direito ainda lhe fôsse possível dar no término dessa existência sem côr, direito de falar, de pedir alguma coisa, talvez balbuciasse sômente: — Por que não me deixam dormir? Eu tenho os olhos pesados de sono!

Mas os passos continuam sempre no pátio e há uma necessidade extrema de gritos, para o rapaz franzino. Contorce-se na cama, luta contra um inimigo estranho, sente mãos de dedos enormes que lhe seguram a garganta, apertando-a. Agora, alguma cousa de sua vida deve estar do lado de fora da boca, chocando-se, indo de encontro às paredes brancas e nuas, forçando o teto e a porta também, manchando tudo de uma coloração forte e estranha...

\* \* \*

O rapaz de cabelos crespos não está dormindo mas sente um pêso esquisito nas pálpebras. O corpo todo é uma massa volumosa e pesada. Não se pode mover, livremente, como as outras pessoas. Às vezes, por baixo da agonia, da estranha imobilidade, pressente a aproximação de uma sombra. Arrepia-se. A sombra pára, espreita-o demoradamente e se afasta, por momento, mas o desespero de vê-se espreitado, continúa.

Quando a estranha sombra tornou a aproximar-se, lembrou-se do soldado de ronda. Receia que êle tenha ouvido as conversas. Se assim aconteceu, abriu a porta e entrou. Agora, êle, alí deitado, imóvel, os olhos cobertos pelas pálpebras pesadas, estará a mercê de sua vontade, de sua ira, de seus desejos de vingança. Sente vontade de explicar-se, de dizer que não matou o camelô, que nem sequer o conhecia. Que relação haveria por acaso na chegada de ambos à mesma cidade e num mesmo dia com um crime estranho que aconteceu depois? Assim como morreu o camelô não poderia ter morrido êle, se tivesse trazido o dinheiro? Lembra-se mas desiste. E a sombra continúa parada, espreitando-o sempre. Angustia-se, sente necessidade de explicar-se, de qualquer maneira, para poder viver e grita —

— Não! Não fui eu que matei o camelô!

O homem gordo acha graça, mostrando os dentes podres, manchados de fumo —

— Então, menino, se não foi você quem foi? — e rir, maliciosamente, outra vez.

Aproxima-se. Defronte a êle, abre os braços, espalma as mãos, juntando-as depois, com violência, nas suas faces. Sente tortura, a cabeça pesa e cai sobre o peito. Um impulso estranho de baixo para cima ergue-a, novamente, para receber novos e certos golpes das mãos do homem gordo.

— Sim, fui eu! Eu matei o camelô! Não me batam mais, pelo amor de Deus! Eu preciso dormir!

Sabe que tornou gritando, alucinadamente. Os outros doentes olhavam-no assustados, sem compreender sua atitude. As luzes todas da enfermaria estavam acesas e o soldado de ronda, nos limites da porta envidraçada, os braços cruzados nas costas, tinha uma expressão de espanto e curiosidade. Um enfermeiro magro segurava-lhe o pulso, pensativamente. Outro, na cama vizinha, cobrindo o rapaz franzino, balbuciava:

— Que Deus o tenha em Seu poder, por toda a eternidade!

Agora, nos leitos vizinhos todo mundo dorme ou parece dormir. Sômente êle e os enfermeiros que esperam o médico estão acordados. No pátio, o soldado de ronda reiniciou o serviço. Pergunta pelo rapaz franzino, porque alguém disse, há pouco, que Deus o tivesse em "Seu poder". Os enfermeiros mentem. Disseram que êle regressou. Mas êle tem quase certeza que o companheiro morreu, naquela madrugada.

NATAL



Desenho de Cipriano Dourado

Cipriano Dourado nasceu em Penhascoso, uma aldeia perdida entre penhascos, a vinte quilómetros de Abrantes, filho de camponeses que depois abalaram para Lisboa. Conheceu desde criança a rudez áspera dos serros da Beira Baixa, bem como a vida, que se adivinha um tanto difícil, de uma família humilde. Calado, atento, sério, teve decerto um olhar grave para o mundo e uma vigilante atenção que se deixava impregnar pelos ambientes e pelo carácter das pessoas e das coisas. Em breve rabiscava os

seus primeiros desenhos infantis, dando preferência aos animais — tão presentes no dia-a-dia do campo.

Frequentou o curso para aprendiz de serralheiro, mas apenas o 1º ano, pois a aversão pela matemática e a insistência que manifestava na sua ocupação favorita — "fazer bonecos" — a que se entregava mesmo nas aulas, obrigaram-no a desistir. Aos 14 anos entrou para uma oficina de litografia, em Alcântara, e desde então tem sido sempre litógrafo de profissão. Não devemos, entretanto,

supôr que o fato de se entregar profissionalmente a essa especialização o tenha auxiliado no caminho da descoberta da arte. Longe disso. Os trabalhos litográficos com que tem ganho o seu pão cotidiano limitam-se sempre ao desenho rigoroso de letras para cartazes, calendários, anúncios de montras, etc. As estreitas normas seguidas nas oficinas, o trabalho rotineiro, a importância comercial do detalhe mesquinho e dos truques baratos, a estreiteza de vistas de uma clientela profundamente ignorante; tudo isso retardava a eclosão das qualidades próprias e da consciência do artista de que tratamos. Sem conhecidos ou amigos que lhe trouxessem a mensagem de um mundo mais vasto que o seu — Cipriano Dourado cresceu lenta-

mente, longe dos livros, dos museus, do debate de idéias, da arte.

Deste modo, foi só aos vinte anos que viu pela primeira vez uma pintura. Foi uma experiência importante que serviu de ponto de partida para uma conquista vertiginosa. Com o auxílio de um amigo que então surgiu, devorou com olhos esfomeados livro sobre livro, embriagando-se de reproduções de quadros famosos. A 1ª. Exposição Geral de Artes Plásticas, realizado em 1946 por um numeroso grupo de artistas independentes, foi o último e definitivo impulso. Ao sair desse salão algo se passara em Cipriano Dourado. Vira coisas com que já-mais sonhara. Todo um universo se revelara aos seus olhos entusiasmados. A partir desse momento radicou-se nele a certeza de que seria um artista.

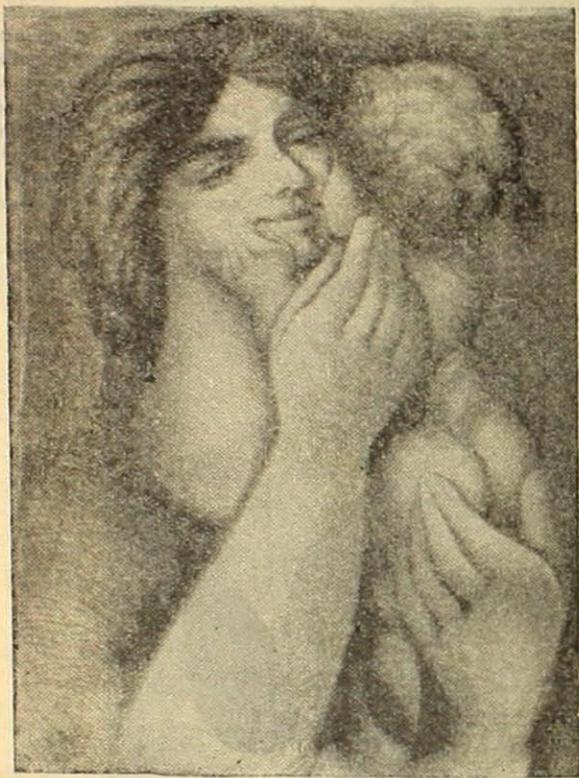


Desenho de Cipriano Dourado

Meteu mãos à obra. Em 1947 expõe pela primeira vez e ganha logo o 2º prêmio Roque Gameiro no valor de 2.000 escudos. Com esse dinheiro partiu para Paris, sem saber uma palavra de francês. Um ano depois voltava a Paris, permanecendo aí durante três meses. Apaixou-se por Gauguin, Renoir, Picasso, por todas as ousadias, pelo abstracionismo das "Réalités Nouvelles". Depois, se-

E assim, num processo extremamente rápido, Cipriano Dourado viveu três ou quatro momentos antagónicos e distintos, sucessivas acções e reacções que foram assimiladas e ultrapassadas, encaminhando-se com segurança para a posse de si mesmo.

Hoje, Cipriano Dourado manifesta-se desinteressado em militar pela Escola de Paris — considerando como experiências



### Óleo de Cipriano Dourado

gulu-se um inevitável reajustamento, num artista tão integralmente votado à meditação dos problemas e ao porquê das coisas. Ao longo dos meses e dos anos foi revendo posições, voltando atrás para estudar e estruturar idéias e tornar mais sólidos os pontos de partida. Certas leituras (a revista "Vértice", Abel Salazar, Herbert Read e outros) foram ao encontro dessa necessidade de revisão

úteis mais devolutas o cubismo, o surrealismo, o abstracionismo e todos os movimentos colaterais — e volve os olhos insatisfeitos, ansiosos e confiantes para o futuro, em busca de algo que sabe estar ao alcance do artista de hoje que conseguir resistir às solicitações traiçoeiras de uma estilização da alienação e corresponder à confiança que os homens do povo nele depositam.

Lima de Freitas

## BAIRRISMO PITORESCO

Doralécio Soares

Todos nós conservamos um tanto de egoísmo e de orgulho. Classificamos esse egoísmo e esse orgulho de amor próprio; daí nos sentimos feridos quando nos atacam em qualquer ponto susceptível de ressentimentos.

No caso do bairrismo, que é um sentimento nacional de patriotismo; quando nosso paiz é justa ou injustamente desconsiderado por pessoas de outros paizes vamos até ás ganas do homicídio.

No Brasil, entre os filhos de um e outro Estado esse bairrismo chega até a ser gostoso.

Anedotas até são formuladas para tornar mais brasileiro esse assunto. O carioca, cioso da beleza natural do seu Rio de Janeiro, a par de um progresso sempre crescente, constante e ritmado, com o seu carnaval esplendoroso e o Maracanã, o maior estádio do mundo. O paulista, esse sempre orgulhoso do seu progresso industrial e sua capacidade realizadora, é ferido, no entanto, por não possuir São Paulo o encanto natural do Rio; nem as mulheres paulistas a graça e encantamento da carioca, mesmo assim é preciso ter-se muita lábia para convencer o paulista de que o Rio é maior.

Os outros Estados, no entanto, não se sentem diminuídos por não serem São Paulo ou Rio. Qual é o paraibano que ao ser chamado de baiano ele não grita logo, no seu falar arrastado de nortista: Baiano, não moço! Eu sou paraibano, ouviu? Sou paraibano! E, no entanto, todos nós sabemos que a Bahia é um grande Estado e o baiano é orgulhoso de ser baiano.

Para o pernambucano da classe média, é até ofensa chama-lo de baiano. É ou não romantico tudo isso?

E o mineiro! Como é gostoso para o carioca e paulista explorar a simplicidade desse grande irmão nosso.

Qual o brasileiro que não conhece as inúmeras anedotas que o espírito galhofeiro do carioca faz.

Quem não conhece a celebre frase de Benedito Valadares "cuica da Nação", quem não conhece a história do mineiro que comprou o bonde e do arranhaceu que foi comprado encaixotado em São Paulo."

E no entanto, o Mineiro é grande, é grande em tudo, a começar pelo seu Estado e a terminar pela grandeza do seu coração.

O gaúcho no laco, e o pernambucano na faca, frase que irmana ainda mais os dois Estados que, embora separados por milhares de milhas o pernambucano se sente gaúcho no Rio Grande do Sul e o gaúcho pernambucano em Pernambuco.

O cearense é conhecido como o judeu brasileiro. Origina-se essa versão por possuir um grupo de Cearenses no Rio grandes fortunas, daí surgiu que acumular assim só judeu.

Inúmeros são os casos entre nós brasileiros deste grande Brasil, que originam centenas de anedotas e frases pitorescas que cada vez mais nos unem, embora faça um puxar mais para o seu lugar de nascimento.

Não chame o sergipano de sergipano e sim de sergipense. Dizer que o pernambucano não é valente é arriscar-se demais. Embora outros digam que em Pernambuco o que custa caro é o cabresto do cavalo porque o cavalo ele vai buscar em Alagoas...

O amazonense é cioso da grandesa das matas virgens do seu Estado e costuma dizer, para orgulho seu, que no Brasil o que é grande é o Rio Amazonas. O resto é conversa.

O alagoano é "papa sururú" ou por outra, é comedor de sururú (em Florianópolis: Berbigão). No litoral alagoano, diz o baiano, não se passa fome, tem muito berbigão.

Os capichabas, êsses são orgulhosos das suas belas mulheres. Se você, amigo, quizer ver as mais belas mulheres do Brasil, vá ao Espírito Santo. Lá têm beleza e encantamento. Perdem, no entanto, para as cariocas, pela frivolidade espiritual das filhas da cidade maravilhosa.

Entre o Paraná e Santa Catarina, como não podia deixar de ser, o bairrismo é forte, aumentando às vezes em certas épocas. Para o paranaense, a Universidade de Santa Catarina nunca sairá. Eles a queimam no nascedouro. Dizer as razões disso, é simples. Perderá Curitiba a sua primazia e orgulho de cidade universitária: cabendo aos florianopolitanos falar mais grosso, e orgulhoso também de serem solucionado o sonho mais antigo de educadores da terra barri-ga-verde. É, portanto, o bairrismo, uma necessidade. Devemos incentivá-lo e não extinguí-lo, como pensam alguns.

E falando ainda em bairrismo pitoresco, contam que dias após a entrada dos gauchos revolucionários de 1930, em Florianópolis, aconteceu um caso que por sua natureza anecótica vem demonstrar a natureza tímida do nosso habitante do interior da ilha.

Conta-se que num dia de vento sul vinha um gaúcho (dos grandes) de poncho, botas e esporas, lenço vermelho ao pescoço, chapéu de campanha, lutando contra o vento sul na rua Conselheiro Mafra. Nas proximidades do Hotel La Porta tentou acender o cigarro de palha, gastando nessa tentativa todos os fósforos. Nisso desemboca, vindo da praça 15 de Novembro um dêsses catarinenses nascidos de sete meses. Dirigindo-se ao mesmo, êle com voz de revolucionário, perguntou:

— Moço, você fuma?

O catarinense tremendo de frio e também de medo, dado o gesto arrogante do gaúcho afrontando-o, balbuciou gaguejando "que... que dizê não é, eu, fumo, ma ma mas se o senhor quizer **eu deixo de fumar...**"

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### O FUNDO MUSICAL

Basta lembrar as sensações sentidas no tempo de criança, quando assistíamos a projeção de películas do Far-West, para dar o justo valor ao fundo musical. Naquelas cenas onde aparecia Tom Mix perseguindo os ladrões de gado, em eletrizantes calvagens, era a música que nos aumentava a emoção e mais incentivava a torcida pela vitória do "mocinho". Caso não houvessem os instrumentos musicais a ritmarem as peripécias do cavaleiro audaz, inegavelmente o filme não possuiria a sua característica algo voluptuosa e a aventura perderia o sabor desejado.

O cinema deve muito à música pelo seu grande valor estético e poder fisiológico, coisa que poucos notam, pois, quando usada satisfatoriamente, sem destoar do assunto abordado pelo filme, é elemento geralmente desaparecido consciêntemente. Sómente em contato direto com ela em certas fitas experimentais, como no caso de "Fantasia" de Walt Disney ou o ensaio de curta-metragem "Atlântic 213", filmes de entrosamento proposital e mais nitido de imagem e som musical. Em outros casos, qualquer pessoa, até mesmo um estudioso ou cine-clubista, sai do cinema comentando e criticando muitas coisas, falando em virtudes ou falhas de direção, em erros de interpretação ou qualidades da fotografia, mas raramente referindo-se à música de fundo, escutada, como foi, inconsciêntemente. Mas, se, deliberadamente, for apresentado um filme sem fundo musical, o espectador logo o notará. O desfile de imagens silenciosas produz uma sensação de vazio. É o mesmo que comer um saboroso alimento sem o condimento adequado.

Os primeiros cineastas logo perceberam o valor da música no cinema. Na sessão cinematográfica realizada por Lumière, em Paris, em 1895, a interpretação do pianista Marval prestou sua primeira colaboração à sétima arte. Daí por diante, o pianista ficou sendo figura obrigatória nas salas de espetáculos cinematográficos. A princípio, os fundos musicais discordavam flagrantemente dos

temas dos filmes. O uso dos clássicos muito cooperou nessa dissonância. As peças musicais consagradas não se adaptavam perfeitamente ao assunto e, o que é pior, muitas vezes associavam-se no espírito do espectador a acontecimentos pessoais que o arrastavam para fóra do âmbito da película. Com a evolução da cinematografia, maior atenção começaram os realizadores a dar à música. Partituras especiais foram feitas para "Voyage à la lune" de Mellés e "O filho prodigo" de Benoit-Levy (1907) e Saint Saens compôs sua Opus 128 para "O assassinato do Duque de Guise" (1908). A necessidade de compor especialmente para o cinema também decorreu do fato dos produtores terem de atender às exigências técnicas, como, por exemplo, tomando em consideração a extensão das sequências.

Com o cinema sonoro, naturalmente, a música enveredou por caminhos mais amplos, adquirindo agilidade e vivacidade, estilizando melhor a ação. Presentemente, certos musicos incidentais são quase populares. Pouca gente que val estiduamente ao cinema desconhece o lírico Max Steiner, o mestre criador de fundos musicais para pungentes dramas de amor ou o Miklos Rozsa, realizador de ritmos vigorosos próprios para os "semi-documentários". E compositores de ranome emprestam sua colaboração ao cinema, como Sergel Prokofieff, recentemente falecido, que compôs um verdadeiro monumento musical para "Ivan, O Terrível". Até mesmo os cineastas italianos, chamados "néo-realistas", não desprezam a música superveniente, amenizando, assim, a crueza da linguagem e, conseqüentemente, depurando um tanto o realismo do tema.

E o silêncio? Não há lugar para este senhor no cinema?... A resposta pode ser muito bem dada pelo desprezencioso "O homem-leopardo". Este filme de terror, destinado ao grande público mas realizado com bastante senso artístico pela equipe de Val Lewton, mostra exemplar colaboração entre a música e o silêncio. Quem viu tal filme talvez se recorde do momento em que a moça está fechada no cemitério, presentindo o golpe fatal

da féra. Incidentalmente, a música incidental está presente, até completar o "clima" de horror. Depois, o silêncio funciona. Um silêncio pesado dominando o espectador, transmitindo-lhe a sensação de angústia e medo da personagem. É o que se pode considerar um emprego antológico de som natural e silêncio no momento preciso, para melhor efeito cinematográfico. Portanto, sempre subjugada ao tema da película, caso contrário não cumprirá sua missão de coadjuvante, a música não deve ser personagem constante, podendo dar lugar ao silêncio em muitas ocasiões, para realçar a beleza e dar uma forma mais artística à sétima arte.

Antônio da Silva Filho

#### DA DEFINIÇÃO DO CONTO

Para adquirir a autonomia de que hoje desfruta, o conto, genero literário tão característico de nossa época de transição, como acentuou Aurélio Buarque de Holanda, teve que esperar a passagem de muitas civilizações e costumes. Dos primeiros embriões encontrados nas pirâmides egípcias, em cujas paredes estão gravados, em hieróglifos, impressionantes relatos de vidas de reis e rainhas, e que tanto trabalho custou a dezenas e dezenas de sábios para sua elucidação, passando pelas histórias de Herodoto, até atingir aquêlê clima de poesia de uma Katherine Mansfield, a história curta atravessou longos e tortuosos períodos. Ora desaparecia aqui, para reapontar ali, diferente, vigorosa; ora se transformava a ponto de perder a côr própria, o matiz que lhe é peculiar.

Assim caminhando, a história curta conseguiu se desvencilhar da série de entaves que lhe obstavam a marcha, obtendo uma autonomia e uma perspectiva de tal maneira ilimitada que se tornou, hoje em dia, impossível precisar-se uma definição exata, matemática. Ou pelo menos marcar-lhe os contornos. Ainda mesmo dentro da precariedade das definições humanas, as possibilidades abertas ao conto são tais que a simples idéia de defini-lo é uma ousadia, uma afoiteza a que muitos críticos e estudiosos de literatura não se aventuram a cometer.

Se lhe atribuem tais ou quais qualida-

des, obedecendo a esto ou aquêla técnica ou forma, pode ocorrer, muito simplesmente, que uma dezena de bons autores fique a margem com suas histórias curtas, como se tivessem se esquecido dêles. O conto existente na pirâmide egípcia, conhecido como o "conto de Rampelintos" e que é um dos primeiros embriões da história policial, não tem as mesmas características da história curta maupassiana. Esta, por sua vez, difere em essência e côr das construções de uma Katherine Mansfield, ou mesmo de um Tchekov, como qualquer leitor leigo no assunto poderá aquilatar Kafka com seus processos revolucionários, está a uma incrivel distância de Meriméc, de sorte que a definição que se encaixe bem com relação a obra dêste último, não servira para aquêle outro.

Etimologicamente, a primeira impressão que se tem é a de que o conto significa uma história que se conta. Já a Enciclopedia Italiana registra como uma história irreal, fantástica e impossível de acontecer ou de ter acontecido, onde penetram tôda sorte de bruxas e duendes. O PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉE, por sua vez, declara que uma história curta, elegante e agradável se pode denominar ou chamar de conto (nesse ponto, observe-se o espírito francês, uma narrativa ELEGANTE e AGRADÁVEL...). Um manual para estrelas — cousa que, evidentemente, só nos Estados Unidos da América é que viria à luz da publicidade — nos dá a mais pitoresca de quantas definições de conto se conhece: uma reviravolta na vida de um homem.

Apesar mesmo de sua presença marcante no mundo de hoje, o conto, como se depreende não foi ainda bem definido e talvez não o venha a ser nunca, dadas as transformações e mutações constantes e como que ininterruptas que vem sofrendo no correr do tempo. Os que o tentam fazer, saem muito mal da empreitada, não só em consequência da complexidade do gênero, tanto mais devido a inexistência de referências com as quais se torne acessível demarcar a história curta.

O autor de "Poesia até agora", falando, numa entrevista concedida a uma revista literária, a propósito de sua estria no terreno da ficção com o livro

"Contos de aprendiz", declarou que um escrito que não seja meramente discursivo, nem tão pouco venha a ser crônica nem artigo, onde se movam personagens, e haja qualidade literárias e estéticas, bem que pode ser denominado ou assim conhecido como conto. Essa idéia formulada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, autor de algumas brincadeiras em prosa e verso, reflete, consequentemente, o espírito hodierno em relação ao conto — a imprecisão para defini-lo, mesmo que se tenha os olhos diante dele ou seja autor de alguma coletânea.

De todas as definições surgidas, discutidas, e apresentadas, a única que realmente merece as nossas atenções, e que, quer queiram quer não, consubstancia o verdadeiro conceito moderno da história curta, é a de Mário de Andrade. E, por mais paradoxal que seja, a definição da short-story do autor de "Contos de Belazarte", de que tudo aquilo que um autor batisar de conto, é conto, veiu demonstrar de modo cabal e satisfatório a impossibilidade, agora, de tentar-se uma definição do gênero literário que imortalizou Guy de Maupassant.

(Suplemento de "A União", de 25-12-52, João Pessoa — Paraíba).

Geraldo Sobral

## MANHÃ

Santa Catarina revela seus artistas e enriquece seu espírito. Estréla agora nas letras a inteligência moça, mas vigorante, de Eglê Malheiros. Surge como poetisa, mas para cantar uma musa diferente, para fazer poesia com o povo, para conclamar os homens de bom senso, mostrando-lhes o caminho da luz e da justiça humana, que há milhares de séculos o mundo procura. Eglê Malheiros edita "Manhã", com muita coragem e vigor, como é raro se ver entre nós. É comum dizer-se que a poesia no Brasil está em decadência. Sim, ela deve mesmo decair, porque os nossos poetas não fazem poesia com o povo. Querem arte a seu modo, arte sem destino, poesia divorciada do sofrimento das massas. Eglê Malheiros não. Ela compreendeu que sem o povo não se faz arte; sem estar intimamente ligada às massas, não haverá musas, nem beleza poética.

"Manhã" é um livrinho impetuoso, soberbamente realista, e com endereço certo. É uma espécie de convite fraternal, um chamado, um grito de alerta, uma mensagem de esperança. Em cada verso haveria muito que se dizer; em cada poema, muitas histórias para se contar. Mas Eglê prefere deixar que o leitor pense, e que sinta sua própria condição social. Abre o livro um queixume de orfandade, pintando o quadro berrante do nosso povo, assim escrito:

Foi bem cedo,

O orvalho era pérola por entre a verdura,  
Em notas silentes na garganta dos  
[pássaros

Inda dormia a manhã.

Tiraram-te (referindo-se ao pai desaparecido) a vida e a minha alegria.

Fu tinha quatro anos e a infância se  
[acabou".

Nêste começo feliz, encontra-se logo a perspectiva de um coração ardendo de amor pelos sofredores, e sedento de justiça para todos. Mas, a nota mais alta e mais empolgante está no fecho. É uma clarinada de esperança, uma confissão de quem tem fé na força do bem, e de quem ainda acredita num mundo melhor e mais humano, num mundo que virá, que já desponta. A poetisa acena com sua arte para o nascente, dizendo que a noite está se findando, que já se toca a alvorada, que já estamos na manhã. E ela canta:

"Em outras terras é dia pleno  
De messe farta e de cantigas,  
Por isso temos certeza:  
Aqui também nós cantaremos  
Quando a manhã conquistada  
Inundar de luz nossas mãos  
Fazendo todo ódio se transformar em  
[construção" !

É a esperança de uma criatura jovem, que tem um destino e uma existência para viver. É uma mensagem a todos os que crêm em si, a todos os que desejam fazer alguma coisa para o povo que sofre; enfim, um convite aos que têm sentimentos e aos que ouvem a voz do coração. É arte associada à vida, e musa ao espírito do futuro. É um livrinho que

traz palavras de péso e medidas certas, há muito esperadas, mas que até agora poucos souberam escrevê-las.

Italino Peruffo

Rio do Sul, 21-12-52.

## REGISTO

Toda a atitude crítica é como que uma dupla forma de pensar: a de se realizar, e a de compreender, explicando. Daí a sua relação directa com o colectivo e com o pessoal, não no sentido de isolamento do indivíduo mas no de unidade em que se procura aprofundar lucidamente o conhecimento adquirido. A poesia, o romance, a pintura e a música, influenciam; a crítica reflete. Mesmo que venha em pequenas notas, numa síntese de interesse informativo. E quando nessas pequenas notas não vem crítica, como será o caso deste "Retrato" (eu, pecador, me confesso), também não existe o problema de ser uma dupla forma de pensar...

Fernando Namora, um dos valores mais representativos da moderna geração portuguesa, acaba de traçar uma pausa na sua actividade de romancista com "Deuses e demónios da Medicina", uma série de vinte biografias em que nos traça o retrato humano, e por vezes trágico, de alguns dos maiores vultos da investigação científica. Os propósitos de divulgação são atingidos com rara honestidade, beleza estética e compreensão. A história de Osvaldo Cruz fecha, com justiça, esta série, a que se impõe continuidade.

— Até onde o autor terá direito a modificar os seus trabalhos, depois de publicados em letra de forma? O problema é velho, e por ele passaram António Nobre e Eça de Queiroz, por exemplo, muito antes de Herberto Sales não-lo ter desenterrado com a segunda edição de "Casalho". O seu tão justamente festejado romance. Uma coisa há, no entanto, que se deve destacar: a probidade com que refere toda a obra, sem se esquecer o passo em frente ao poder do domínio da ficção que tal atitude representa.

Superficialmente, poderá julgar-se terem os quatro contos e uma novela reunidos em "Histórias de Amor" de José

Cardoso Pires vindo sob a égide de Hammingway, embora no prefácio o autor se jogue entre D. H. Lawrence e Andre Gide, quando pretende dar uma explicação de ter tomado o amor como tema. Isto não quer dizer que o conto norte-americano, com o seu mundo de experiências naturalista e objetiva, não tenha contribuído para a sua elaboração — especialmente na parte estética. Mas, sim, que existe uma outra profundidade problemática, mais intensa e diferentemente humana, com que um novo contista se afirma. E com que haverá de contar-se.

Uma margem dum lado, outra margem do outro, o caudal correndo, incansável, e sobre tudo isto "a Ponte" que António Paladino nos legou. Poesia, contos, crítica, notas pessoais. Moacir Fernandes contribui com um retrato do autor, Eglé Mafelheiros com um poema e Salim Miguel com um estudo biográfico e crítico. Ao fim de tudo dóem-nos os olhos secos, e a mágoa do irremediável faz-nos revoltar por não ter sido completado o trabalho que nem em meio ainda estava — tanto se poderia e deveria esperar dos seus dias futuros.

Com "Mar Santo", Branquinho da Fonseca volta a procurar os caminhos dos romances, mantendo o que desejamos não passe de um interregno na sua actividade criadora de contista inolvidável.

O terceiro fascículo de "Arvore" (Apartado 857 — Lisboa), folhas — de poesia que neste número junta a primavera e o verão das estações por que se regula, continua mantendo a mesma posição que o afirmaram como a melhor revista de poesia que em Portugal se publica. Do seu sumário consta os seguintes nomes: Paul Eluard, Cabral do Nascimento, Maria da Saudade Cortezão, Eugénio de Andrade, Natercoia Freire, Mário Sacramento, Maria da Encarnação Batista, Egito Gonçalves, René Char, Vicente Alexandre, Rainer Maria Rilke, Marcel Thyry, António Ramos Rosa, Henri Michaux, Fernando Guimarães, Armando Ventura Ferreira, Humberto d'Avila e Rogério Fernandes. Felicidade e continuidade, amigos!

Augusto dos Santos Abanches

NAMPULA

## NOTÍCIAS DA PROVÍNCIA DA PARAIBA

### NASCEU UM ROMANCISTA

Constituiu um acontecimento impressionante, diremos excepcional, na pacata vida cultural da província, o aparecimento de um romance, pois há questão de vinte anos que não se publicava nenhum livro de ficção em nossa terra. Trata-se de "Éxodo", romance inspirado, como o indica o título, na grande tragédia que assola periódicamente os homens do nordeste, com que estreou na literatura o sr. José Rafael de Menezes, atualmente deputado estadual.

A obra vem despertando desusado interesse nos círculos culturais nordestinos, pois ventila, com rara segurança, o magno problema dos "paus de arara".

### CINE CLUB DE JOÃO PESSÓA

Foi fundado, em meados do mês de dezembro, o Cine Club de João Pessoa sob a orientação dos jornalistas Geraldo Sobral e Linduarte Noronha.

Para sua instalação definitiva foi convidado o cineasta Alberto Calvacanti, que no momento roda um filme na cidade de Recife, o qual realizou, importante conferência abordando tema relativo a sétima arte. Nessa mesma ocasião foi exibido o documentário de Cavalcanti, "Filme e realidade".

### UMA ENSAISTA

Wilton Veloso, um dos intelectuais mais versado em questões de existencialismo, está escrevendo um ensaio literário que vem acordando as atenções dos círculos culturais. Ao que tudo indica, abordará o discípulo de Jean Paul Sartre, com sua aguda sensibilidade, a obra de Proust.

### "O HOMEM MARGINAL DO NORDESTE"

O conhecido sociólogo Lopes de Andrade, autor de "Introdução à sociologia das sécas" e de "Forma e efeito das migrações do nordeste", está escrevendo profundo ensaio, intitulado "O homem marginal do nordeste".

A obra, como o título nos mostra, é um estudo do homem nordestino e das condições de vida naquela área do país. O seu aparecimento deverá se dar no corrente ano, sendo publicada por uma editora do sul do país.

### UM ENSAISTA ENVEREDA NA FICÇÃO

O jovem estudioso dos problemas sociais e ecológicos, Juarez Batista, atual diretor da Imprensa Oficial, segundo confessou a amigos, escreve, no momento, um romance.

Juarez Batista, que estreou com uma coletânea de crônicas, publicou, recentemente, um ensaio intitulado "Caminhos, sombras e ladeiras", analisando com profundidade as relações ecológicas entre o sobrado e o mucambo, e a rua e a fazenda.

### "COMPOSIÇÃO"

Aglutinam-se os jovens intelectuais paraibanos em torno do sociólogo Lopes de Andrade no sentido de editar uma revista de cultura, cujo título, depois de algumas discussões, ficou estabelecido ser "Composição".

Participam desse movimento de renovação cultural os seguintes nomes: Sá Leitão Filho, Juarez Batista, Juarez Macedo, Wilton Veloso, Geraldo Sobral, e alguns outros.

### A REPÚBLICA NA PARAIBA

O décano da imprensa paraibana, jornalista José Leal, está com um livro em vésperas de ser publicado, encontrando-se os originais já na Imprensa Oficial. Abordará nesse volume, o conhecido homem de imprensa, autor de diversos estudos históricos, a instalação da República na Paraíba, procedendo a uma análise das transformações verificadas na poca.

(Do Correspondente).

### I FESTIVAL DE ARTE E MÚSICA DE BENTO GONÇALVES

Realizou-se na cidade de Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, de 31/1 a 8/2/53, o I Congresso Estadual de Estudantes Secundários e Superiores do Rio Grande

do Sul. Durante o mesmo período, patrocinado pela União Bentogonçalvese de Estudantes, foi apresentado o I Salão de Artes Plásticas da referida cidade.

Participaram deste salão livre, uma vez que não foi feita uma seleção prévia dos trabalhos apresentados, os mais diversos artistas plásticos do Rio Grande do Sul, incluindo desde os nomes mais representativos até os que pela primeira vez apareciam num certame dessa natureza. Assim tivemos desde os mais simples trabalhos acadêmicos até os que revelavam artistas já realizados, com soluções plásticas, firmes e independentes, indicando já personalidades perfeitamente definidas.

O salão foi organizado com as seções de pintura, litografia, gravura, escultura, cerâmica, arquitetura e fotografia.

Para julgamento e premiação dos trabalhos foram constituídas diversas comissões julgadoras, referentes aos diversos ramos das artes plásticas representadas. A comissão julgadora de pintura, gravura, litografia, escultura e cerâmica foi composta dos seguintes nomes, todos êles de projeção nos meios plásticos do Rio Grande do Sul: Vera Fabrício, que substituiu o prof. João Fahrion no impedimento deste. Prof. João Fahrion também participou do Festival hors-concours. Vera Fabrício é professora da Escola de Arquitetura de Pôrto Alegre; Clóvis Assumpção, crítico de artes plásticas; e Vasco Prado, escultor, que participou hors-concours, da mostra.

Os prêmios foram dados com bastante critério, tendo por base o conjunto de obra apresentado:

**Pintura:** 1º) Carlos Alberto Petrucci — 2º) Ricardo Maldonado Rangel — 3º) Plínio Bernhardt; Menções honrosas: Alice Brueggemann, Myra Hargesheimer e Ruth Sperb.

**Gravura:** Glênio Blanchetti.

**Litografia:** Isolda Brams.

**Escultura:** 1º) Dorothea Pinto — 2º) Leda Flores — 3º) Cristina Balbão; Menções honrosas: Eny Catharina Braz e Miguel Pastor.

**Cerâmica:** 1º) Wilbur Olmedo — 2º) Luíza Prado — 3º) Aglaé Machado; Menção honrosa: Creso Amaro Larré.

Das comissões para julgamento das seções de Arquitetura e Fotografia, par-

ticiparam, respectivamente, Vera Fabrício e o Dr. Alvaro Magalhães. **Arquitetura:** 1º) Moacyr Zanin (prêmio póstumo) — 2º) Cláudio Araujo — 3º) Ari Mazzini Canarin e Plínio Pereira.

**Fotografia: Tema Livre:** 1º) Ricargo Berger — 2º) Armando A. Kluwer — 3º) José A. Y. Stelkens; **Retrato:** 1º) Paulo Dutra — 2º) Guadir Elias George — 3º) Guadir Elias George; **Paisagem:** 1º) Paulo Derly Strhl — 2º) Santos Vidarte — 3º) Paulo Pereira da Silva.

Carlos Alberto Petrucci foi realmente um dos pontos altos do Festival, merecendo o 1º lugar. Sua pintura é firme e vigorosa e pessoal, demonstrando ainda perfeito conhecimento técnico. Sua "Tela em branco" e seus "dois Retratos", demonstraram-o claramente. Ricardo Maldonado Rangel, um jovem que ainda não é conhecido, foi a surpresa da exposição. Sua "Natureza Morta" e "Crucificação", revelam um pintor original e com grandes possibilidades para realizar-se plenamente. Plínio Bernhardt, apresentou uma série de aquarelas realmente maravilhosas. Todas retratando motivos regionais. Myra Hargesheimer, compareceu com óleos, temperas e aquarelas. Myra já participou de diversas exposições tendo merecido sempre lugares de destaque. Não queremos esquecer o belo cartaz para o festival, de autoria de Myra.

Na Gravura não queremos deixar de destacar o nome de Glênio Blanchetti, componente do "Grupo de Bagé" que se iniciaram na pintura estando, atualmente, trabalhando em gravura.

Na Cerâmica, observa-se dois aspectos distintos: O primeiro, o dos mais antigos que com profundo conhecimento do métier realizam suas figuras, seus vasos e taças; O segundo, é o dos novos que ora se iniciam. São ainda inexperientes, mas trazem dentro de si esse espírito de renovação e busca que caracteriza a Arte. Aglaé Machado com suas variações de figuras femininas e potes e, Creso Amaro Larré com suas figuras alongadas, são o exemplo, são uma parte mínima dessa renovação artística que cabe especialmente aos jovens.

O Festival de Arte, foi uma afirmação incontestável da pujança do movimento artístico no Rio Grande do Sul.

W. C. S.



Cartaz para o I Festival de arte e música de Bento Gonçalves

**"TEMAS DO NOSSO TEMPO" — ensaios  
de Nereu Corrêa**

Dentro de pouco deverá estar nas livrarias, numa edição da editora "A Noite", o tão esperado volume de ensaios do escritor Nereu Corrêa. Escritor jovem, mas já bastante conhecido, Nereu Corrêa tem trabalhos publicados nas mais prestigiosas revistas além de muitos outros dispersos em jornais do Estado e do país. Mas só agora lança seu primeiro livro, onde estão enfileados alguns dos seus estudos mais característicos, parte deles publicados e contendo alguns inéditos. Em nosso número anterior tivemos oportunidade de trazer aos nossos leitores, através de palpitante entrevista, o depoimento de Nereu Corrêa a respeito de temas literários; na mesma ocasião nos referimos ao livro "Temas de nosso tempo". Contudo nunca será demais frisar a importância de certos ensaios ali apresentados e que, certamente, virão colocar Nereu Corrêa na primeira fila dos nossos ensaístas. Basta citar o trabalho sobre Luis Delfino ou ainda "Back-ground" das letras catarinenses, bem como O sentido artístico da obra de Rui Barbosa, Questão da língua brasileira, etc. Talvez já em nossa próxima edição, saído o volume, tenhamos oportunidade de nos demorarmos mais detalhadamente a respeito de certos aspectos da obra.

**A propósito de CAIÇARA — mensário de  
letras e artes**

Atitude das mais louváveis e dignas de elogios e, acrescente-se, infelizmente das menos usuais, esta dos vereadores da Câmara Municipal de Marillá, estado de São Paulo, votando uma verba anual de Cr\$ 30.000,00 para "Caíçara". Bem sabemos todos — e é inútil insistir no tema já batido e rebatido, já sumamente gasto — das dificuldades com que lutam as publicações literárias e culturais para sobreviver. Não é a venda avulsa que mantém uma publicação; mas sim a parte de anúncios, a publicidade. E em geral, para tal gênero de publicações, a publicidade é mínima. Daí o que se vê: revistas e mais revistas surgirem e sumirem, terem uma vida precaríssima e além de precaríssima irregular. Exemplos sobejam e

seria tarefa inglória nos pormos a nomear tais publicações. Melhor é esquecer; melhor é louvar atitudes como a que permitem a existência de "Caíçara"; melhor ainda é batalhar para que uma nova mentalidade surja, permitindo que os responsáveis pelos poderes públicos compreendam a necessidade da sobrevivência dos órgãos literários e culturais, como meio de conhecimentos e aproximação.

Daqui, ao ensejo da comemoração, neste mês de maio, do segundo aniversário de "Caíçara", mandamos aos seus dirigentes os nossos cumprimentos, extensivos aos que compreenderam a necessidade do auxílio que em tão boa hora lhe foi concedido.

**MUSEU DE ARTE DE FLORIANÓPOLIS**

Em melados de março do corrente ano, no Museu de Arte Moderna de Florianópolis, realizou a sua primeira mostra, a pintora catarinense NEUSA AMÉLIA MATTOS. Jovem ainda e recém saída da Escola de Belas Artes, seus quadros nos dão a certeza de seu talento e real tendência para as artes plásticas, mesmo que sua pintura se ressinta de um cunho pessoal, mais forte. Entretanto, essa foi a sua estréia e, se fazemos restrições, também não deixamos de apontar em vários quadros a óleo e desenhos o início de uma tendência acentuada para a pesquisa e procura de novas soluções plásticas.

1º Aniversário do Museu de Arte Moderna de Florianópolis — O Museu de Arte Moderna, comemorou a 15 de abril, o seu primeiro aniversário das novas instalações. O programa alusivo à data constou de uma conferência pronunciada pelo escritor gaúcho Manoelito de Ornellas, especialmente convidado para a ocasião e de uma exposição de DESENHO, AQUARELA, PONTA-SECA, XILO-GRÁVURA E LITOGRAFIA de artistas nacionais e estrangeiros, contemporâneos, peças doadas ao Museu pelo Deputado Jorge Lacerda.

Foram expostos os seguintes trabalhos: ALDARY TOLEDO (Adolescente, des. a nanquim) — ALFREDO KUBIN (Salomé, des. a nanquim) — ATHOS BULCAO VIANA (Mulheres, des. a nanquim; Museu Cluny, des. a nanquim; O Poeta e a

Lira, des. a pena) — BARBOSA LEITE (Recife, des. a nanquim) — CANDIDO PORTINARI Do Sonho de Braz Cubas, ponta-seca) — CÍCERO DIAS (Paisagem, des. e nanquim) — DJANIRA (Crianças, des. a nanquim) — EROS GONÇALVES, (Os Anjos, des. a nanquim) — FAYGA OSTROWER (Menino, des. a nanquim) — JOSÉ MARIA (Flamengo, aquarela) — MARCELO GRASSMANN (A Dança, xilogravura) — NOEMI (Tinhorões, des. a nanquim) — NOÉMIA MOURÃO (Bahia, litografia) — OSWALDO GOELDI — Lobos do Mar, xilogravura; Ilustração de Um Poema de Malarmé, des. a nanquim; Negro, des. a nanquim; Anjo, xilogravura) — PAULO FLORES (natureza Morta, des. a nanquim) — TOMAS SANTA ROSA (O Homem na Chuva, des. a nanquim; Menestrel, des. a nanquim; Ilustração Para Um Poema, des. a nanquim) — YLLEN KERR (Cabeça de Negro, des. a nanquim; Retirantes, des. a nanquim).

W. C. S.

#### MANOELITO DE ORNELAS

De 14 a 18 de abril, a capital barriga-verde hospedou um seu velho amigo. Um

amigo que, distante não se esquece do movimento artístico florianopolitano e que, nas terras portuguesas, numa viagem feita recentemente, teve oportunidade de falar aos moços de Coimbra e de Lisboa a respeito de seus irmãos brasileiros — outros moços que em Santa Catarina e Rio Grande se empenham em fazer literatura e teatro e museus. Manoelito de Ornelas nos visitou, estreitando ainda mais os laços afetivos que o ligam à cidade. Atendendo a convite formulado pelo Governador do Estado, proferiu a conferência com que se comemorou o 1º aniversário das novas instalações do Museu de Arte Moderna. Em outra noite falou a convite do Instituto Histórico e Geográfico. E, na véspera de partir, ministrou belíssima aula de História do Brasil aos alunos do Colégio Estadual Dias Velho.

A Revista Sul, que tem em Manoelito de Ornelas um colaborador e grande amigo, esteve representada em todas as homenagens feitas ao ilustre escritor gaúcho, durante sua estada em Florianópolis.

O. F. M. F.

### RECEBEMOS E AGRADECEMOS: —

#### Revistas:

Boletim de Música y Artes Visuales — Departamento de Assuntos Culturais — União Panamericana — nºs 31, set. — 32, out. — 33, nov. — 34, dez. de 1952 — Washington-DC — Estados Unidos.

Flama Reporter — As últimas notícias dos estudos e das produções — nºs 2, nov. — nº 3, dez. de 52 e jan. de 53 — Rio.

Alavanca — Órgão defensor dos trabalhadores — Ano I — nºs 4, dez. de 52 — 5, jan. — 7, março de 1953 — Florianópolis — Santa Catarina.

Ciçara — mensário de letras e artes — Ano II — nºs 15, nov. — 16, dez. de 52 — 17, jan. e 18, fevereiro de 1953 — Marília — São Paulo.

Fundamentos — Revista de Cultura Moderna — Ano V — nº 30 — novembro de 52 — São Paulo.

Revue de la Politique Modiale — União dos Jornalistas da Iugoslávia — Ano III — nºs 20, out. — 21, nov. — 22, nov. — 23, dez. — 24, dez. de 52 — Ano IV —

nºs 1, jan. — 2, jan. de 53 — Belgrado — Iugoslávia.

O Fotógrafo — Órgão da Associação Riograndense de Fotógrafos Profissionais — Vol. I — nº 3 — agosto de 52 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Revista Universidad de Antioquia — nºs 108 (junho-julho-agosto) — 109 (setembro-outubro-novembro) — 1952 — Medellín — Colômbia.

Catálogo da I Mostra Retrospectiva do Cinema Brasileiro — Museu de Arte Moderna de São Paulo — novembro — dezembro de 1952 — São Paulo.

Investigações — Revista do Departamento de Investigações — Ano IV — nºs 40, de abril — 41, maio de 1952 — São Paulo.

Boletim Bibliográfico AGIR — Ano IV — nº 2 — dezembro de 52 — Rio de Janeiro.

Bando Órgão da Casa de Euclides da Cunha — Ano I — Vol. III — nº 3 — janeiro-junho de 1952 — Natal — Rio Grande do Norte.

Revista da Guaira — Ano IV — nºs 43,

dez. de 52 — 44, jan. — 45, fev. de 53 — Curitiba — Paraná.

**Marches de France** — Courrier Littéraire d'Outre-mer — Revue Mensuelle Internationale afiliada a la F. N. P. C. — Ano VII — 3ª. série — n.ºs 13 e 14 — 1952 — Ano VIII — n.º 15 — janeiro de 1953.

**Movimento Literário** — Página Literária Semanal da Folha da Manhã, — sob a orientação de Maria de Lourdes Teixeira — meses de agosto a dezembro de 1952 — São Paulo.

**Jandáia** — Ano I — n.º 3 — dezembro de 52 — Curitiba — Paraná.

**Revista do Ultramar** — publicação quinzenal — Ano IV — n.º 41 — Lisboa — Portugal.

**Programas do Clube Português de Cinematografia** — Cine-Clube do Porto — n.ºs 125 a 127 e 129 a 123 e, n.ºs 8 e 9 (infantil).

**Boletim da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências de Lisboa** — n.º 3 — janeiro de 1953 — Lisboa — Portugal.

**Boletim do Serviço Iugoslavo de Informações** — Relatório sobre Política Internacional apresentado por Edvard Kardelj, Ministro das Relações Exteriores perante o VI Congresso da União dos Comunistas da Iugoslávia — Rio de Janeiro — DF.

**Ciência** — Revista dos Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa — Vol. III — Ano III — n.ºs 7 e 8 — janeiro de 1953 — Lisboa Portugal.

**The Hudson Review** — Vol. V — n.º 2, verão de 1952 — n.º 4, inverno de 1953 — New York — USA.

**Hinterland** — Órgão de difusão do Hospital Sanatório de Baurú — Ano I — n.º 2 — janeiro de 53 — Baurú — São Paulo.

**Ariel** — caderno bimestral de literatura e artes plásticas — 3ª. época — n.º 21 — janeiro-fevereiro de 53 — Guadalajara — Jalisco — México.

**Itinerário** — publicação mensal de letras, arte, ciência e crítica — Ano XI — n.º 125 (outubro-novembro) — 126 (dezembro de 52) — Lourenço Marques — Moçambique — África Ocidental Portuguesa.

**Praieiro** — Boletim dos Postos de Salvamento, editado pela Diretoria de Do-

documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife — 7ª. série — n.ºs 23 e 24 (fevereiro de 52) e 8ª. série — n.ºs 1 a 4 (setembro de 52) — Recife — Pernambuco.

**Revista da Guaira** — Ano V — n.º 46 — março 1953 — Curitiba — Paraná.

**Jornal "Caicara"** — ano 2 — n.º 19 — março de 1953 — Marília — Est. São Paulo.

**Revue de la politique mondiale** — Ano 4 — n.º 3 — fev. 53 — Beograd.

**Arte** — publicação da associação brasileira de desenho — vol. 3 — n.º 1 — jan. — fev. 1953 — RIO.

**Ler** — jornal de letras, artes e ciências — ano I — n.º 11, fevereiro, n.º 12, março (número de aniversário) — Lisboa — Portugal.

#### **Livros:**

**Palestras e Conferências** — da Sociedade Cultural de Angola (1950) — Luanda — África Ocidental Portuguesa — 1951.

**Dois Construtores de Impérios** — (Mouzinho e Lyautéu) — Octávio Rodrigues de Campos — separata da "Revista Universal" — Viseu — Portugal — 1953.

**A Filigrana Árabe nas Tradições Ganchas** — Manoelito de Ornellas — Editora "Arte no Rio Grande" — separata da Revista Reflets — Porto Alegre — 1952.

**A Ilha e o Mundo** — poemas — Pedro da Silveira — 12º volume da coleção "Cancioneiro Geral" — Centro Bibliográfico — Lisboa — Portugal — 1953.

**Aves e Ovos** — Ivo Maes — separata do Boletim Comercial e Industrial — n.º 4 — dezembro de 1952 — Edição do Departamento de Estatística-Florianópolis — Santa Catarina — 1952.

**Charles Baudelaire (O Cristão Solitário)** — Oscar Mendes — Edição da Prefeitura Municipal do Recife — Diretoria da Documentação e Cultura — Recife — Pernambuco — 1952.

**Visionária** — poemas de Arminda Gonçalves — Lisboa.

**Taça Vazia** — poemas de Arminda Gonçalves — Lisboa.

**Fólias de Outono** — poemas de Arminda Gonçalves — dezembro de 1944 — Lisboa.

**A Evasão Possível** — poemas de Egitto Gonçalves — "cadernos das nove musas" — Porto — Portugal.

## ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA E CONTABILIDADE

Drs. Zany Gonzaga, Fulvio Luiz Vieira e Nilton José Cherem

### ADVOGADOS

Armando Silvio Carreirão

### CONTADOR

Causas cíveis, criminaes, comerciais e trabalhistas.

Escritório: Rua Jerônimo Coelho, 16 — Fpolis.



#### COCIMA

Construções, Comércio e Indústria de Madeiras

Construções, projetos loteamentos, etc.

Madeiras brutas e beneficiadas

Fábrica de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge — Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

#### CURSO BOSCO

Aulas de Taquigrafia e Português

O CURSO BOSCO, registrado no Departamento de Educação, habilita profissionais em taquigrafia.

A partir do dia 15 de abril, serão ministradas aulas teóricas e práticas, 3 vezes por semana, sob a orientação da professora Estér de Mélo Lentz.

O curso será de seis meses, sendo conferidos diplomas.

Matrículas até 10 de abril, na Livraria Líder (ex-Livraria Rosa) à Rua Tenente Silveira, 35 (Edifício Parthenon).

Oswaldo F. de Melo (filho)  
Diretor

**DR. WILMAR DIAS**

**ADVOGADO**

**R. Vidal Ramos, 73**

**FLORIANÓPOLIS**

**SANTA CATARINA**

.....  
**A R T E C A**

**LUIZ EDUARDO SANTOS**  
**A R Q U I T E T O**

**Projetos — Construções — Loteamentos — Decorações**

**Rua Visconde de Ouro Preto, 81**  
**FLORIANÓPOLIS**

.....  
**DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA**

**CLÍNICA GERAL DE ADULTOS**

**DOENÇAS DE CRIANÇAS**

**Consultório : Rua João Pinto 16, sob.**  
**Residência : Rua Alves de Brito, 20**

**FLORIANÓPOLIS**

.....  
**CLÍNICA DE CRIANÇAS**

**DO**

**DR. M. S. CAVALCANTI**

**Residência :** — **Consultório :**  
**R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16**  
**Fone M. 732** **Das 3 às 5 horas**

**FLORIANÓPOLIS**

CASA YOLANDA

Matriz  
Trajano, 2

Filial  
Felipe Schmidt, 2

A Casa que tem de Tudo pelo preço  
que lhe convem.

Florianópolis — Santa Catarina

COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO  
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil  
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral  
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros  
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro  
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas  
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —  
quadrinhos — resserrados aparelhados — fôrro  
paulista — Aplainados.

LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente

Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA

"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"  
Monteiro Lobato

LIVRARIA LIDER  
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua  
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

## SUMÁRIO

Lembrança de Graçiliano .....	S. M.
Poesia e pouco mais .....	Augusto dos Santos Abranches
Literatura e Folclore .....	Oswaldo F. de Melo (filho)
A arte de Mondrian .....	Victor A. Peluso Júnior
Poema das vozes .....	Antônio Paladino
Roteiro da amada .....	Walmor Cardoso da Silva
Litania da simplicidade .....	Eglê Malheiros
Adoração .....	Nivaldo Reis
Treno da esfinge quebrada .....	Rodrigues Marques
Poema .....	Nuno Miranda
Eu passo e vós não .....	Manuel Pinto
Na encruzilhada .....	Viriato da Cruz
1619 .....	Francisco José Tenreiro
Retalhos da vida cotidiana (capítulo de um romance inédito) .....	Antônio Simões Junior
O Quimono .....	José Afrânio Moreira Duarte
O soldado de ronda .....	Aluizio Furtado de Mendonça
Artistas portugueses — III (Cipriano Dourado) .....	Lima de Freitas
Bairrismo Pitoresco .....	Doralécio Soares
Notas & Comentários	
O fundo musical .....	Antônio da Silva Filho
Da definição do conto .....	Geraldo Sobral
Manhã .....	Italino Peruffo
Registro .....	Augusto dos Santos Abranches
Notícias da província da Paraíba .....	Correspondente
I festival de arte e música de Bento Gonçalves .....	W. C. S.
"Temas do Nosso Tempo" de Nereu Corrêa .....	Redação
A propósito de "Caçara" — mensário de letras e artes .....	Redação
Museu de arte moderna de Florianópolis .....	W. C. S.
Manoelito de Ornellas .....	O. F. M. F.
Recebemos e Agradecemos .....	Redação

<p>"Sul" encontra-se à venda:</p> <p><b>NO RIO</b></p> <p>Livraria José Olímpio Rua do Ouvidor, 110 Livros de Portugal R. Gonçalves Dias Livros Franceses Avenida Presidente Antônio Carlos, 53.</p> <p><b>EM SÃO PAULO</b></p> <p>Agência Bandeirante — Rua Timbiras, 607. Agência Eclética — R. Lfbero Badaró, 92. Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.</p> <p><b>EM JOÃO PESSOA</b></p> <p>Agência Distribuidora de Publicações, R. Duque de Caxias, 331.</p>	<p><b>NO RECIFE</b></p> <p>Livraria Editora Nacional</p> <p><b>EM PORTO ALEGRE</b></p> <p>Livraria Miscelânea, Praça da Alfândega, 38.</p> <p><b>EM BUENOS AIRES</b></p> <p>Librería General de Tomás Pardo S. R. L. — Maipu, 618.</p> <p><b>EM PORTUGAL (Lisboa)</b></p> <p>Sucursal do "Diário de Notícias" — Rossio, 11 — Pina, Livreiros — Praça de Londres, 5 A.</p> <p><b>EM FLORIANÓPOLIS</b></p> <p>Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt. Livraria Líder — Rua Tenente Sliveira, 35.</p> <p style="text-align: center;"><b>Preço Cr\$ 5,00</b> <b>Em Portugal 7\$50</b></p>
--	--